



PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
BACHARELADO EM TEOLOGIA

WYGNER DUTRA BARBOSA

**A SANTIDADE DA IGREJA:**

Um estudo teológico sobre a nota da santidade presente na Profissão de Fé.

GOIÂNIA

2023

WYGNER DUTRA BARBOSA

**A SANTIDADE DA IGREJA:**

Um estudo teológico sobre a nota da santidade presente na Profissão de Fé.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Teologia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do Prof. Pe. Dr. Eli Ferreira Gomes.

GOIÂNIA

2023



## ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos 13 do mês de DEZEMBRO do presente ano de 2023,  
a partir das 09:00 horas, iniciou-se na sala 406, na Escola de Formação de  
Professores e Humanidades (Área VI) da PUC Goiás, a sessão de arguição do Trabalho  
de Conclusão do Curso de Teologia, do(a) aluno(a)  
WYGNER DUTRA BARBOSA,  
autor(a) do trabalho intitulado "A SANTIDADE DA IGREJA: Um  
estudo teológico sobre a nota da santidade na  
profissão de fé.".

A Banca Examinadora foi composta pelos professores:

PROF. DR. PE. ELIFERREIRA GOMES - Orientador(a)

PROF. DR. PE. FRANCOÁ R. FIGUEIREDO COSTA - Examinador(a)

PROF. DR. PE. JOSÉ LUIZ DE CASTRO - Examinador(a)

Às 10:15 horas, a Banca Examinadora passou ao julgamento, em sessão secreta.  
Reaberta a sessão, os examinadores anunciaram que o(a) candidato(a) foi considerado(a):

1.  Aprovado(a); 2.  Aprovado(a) com ressalvas; 3.  Reprovado(a).

Pe Eliferrera Gomes

Orientador(a) e Presidente da Banca

Pe José Luiz de Castro

Examinador(a) da Banca

Examinador(a) da Banca

*Dedico este trabalho à Igreja, luz de Cristo no mundo, que  
o santifica por meio de sua missão.*

*Dedico também à minha mãe, Chevera, e à minha avó,  
Terezinha (in memoriam) por sempre me incentivarem e apoiarem.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus. Só Tu és Santo, Senhor e Criador do mundo, e todas as nações virão prostrar-se diante ti, que torna suas justas decisões manifestas e que me auxiliastes no desenvolvimento deste trabalho;

À Diocese de São Luís de Montes Belos, na pessoa de Dom Lindomar Rocha, meu Bispo diocesano. Obrigado pela formação e por me conferir o Sacramento da Ordem;

Ao seminário São Luiz Gonzaga, na pessoa do padre Eduardo Farias de Moraes, reitor deste seminário. Obrigado por favorecerem o meu caminho de discernimento vocacional e por todos estes anos em que pude me formar em vista ao Sacerdócio ministerial;

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica de Goiás e ao Instituto de Filosofia e Teologia Santa Cruz por estes anos de aprendizado;

A todos os meus amigos e irmãos de caminhada, do seminário São Luiz Gonzaga, bem como os colegas de classe, o meu muito obrigado por estes anos de convivência e amizade;

Agradeço, de forma especial ao padre Eli Ferreira Gomes, orientador deste trabalho, pela amizade, por tantos incentivos à minha vida intelectual e pela frutuosa orientação que me foi proporcionada. Agradeço também aos leitores deste trabalho. Ao padre Françoá Costa, por “lançar a semente” desta temática alguns anos atrás e por favorecê-la com seus cursos e com suas obras; ao padre José Luiz de Castro e ao professor Placimário de Sousa Leite por me agradecerem com a leitura deste trabalho.

*Credo in unum Deum, Patrem omnipotentem,  
Factorem caeli et terrae,  
visibilium omnium et invisibilium.  
Et in unum Dominum Iesum Christum,  
Filium Dei unigenitum  
et ex Patre natum ante omnia saecula.  
Deum de Deo, Lumen de Lumine,  
Deum verum de Deo vero, genitum, non factum,  
consubstantiali Patri: per quem omnia facta sunt;  
qui propter nos homines et propter nostram salutem,  
descendit de caelis,  
et incarnatus est de Spiritu Sancto  
ex Maria Virgine, et homo factus est,  
crucifixus etiam pro nobis sub Pontio Pilato,  
passus et sepultus est,  
et resurrexit tertia die secundum Scripturas,  
et ascendit in caelum, sedet ad dexteram Patris,  
et iterum venturus est cum gloria,  
iudicare vivos et mortuos;  
cuius regni non erit finis.  
Et in Spiritum Sanctum, Dominum et vivificantem,  
qui ex Patre Filioque procedit,  
qui cum Patre et Filio  
simul adoratur et conglorificatur,  
qui locutus est per prophetas.  
Et unam sanctam catholicam  
et apostolicam Ecclesiam.  
Confiteor unum Baptisma  
in remissionem peccatorum.  
Et expecto resurrectionem mortuorum,  
et vitam venturi saeculi. Amen.*

## RESUMO

Nosso trabalho pretende apresentar a Santidade da Igreja, segunda nota essencial presente na Profissão de Fé Niceno-Constantinopolitana. Procuraremos observar se a Santidade da Igreja permanece inalterada apesar dos pecados de seus membros e qual o efeito que estes podem causar no Corpo Místico de Cristo. Procuraremos também apresentar como se dá a purificação da Igreja, operada para que ela esteja sempre mais próxima de realizar a sua missão. Buscaremos, por fim, observar o papel santificador da Igreja e de todos os seus membros por meio do testemunho e da realização de sua missão santificante, realizada de modo a aperfeiçoar a santidade daqueles que a ela acorrerem, e se é possível ver, no mundo, a santificação dos homens por meio da realização desta missão, que é levar todos ao conhecimento de Cristo e à santidade a que Ele mesmo os chamou.

**Palavras-chave:** Igreja; Santidade; Santificação; Corpo Místico de Cristo; Pecado; Profissão de Fé.

## RIASSUNTO

Il nostro lavoro intende presentare la Santità della Chiesa, la seconda nota essenziale presente nella Professione di fede Niceno-Costantinopolitana. Cercheremo di osservare se la santità della Chiesa rimane immutata nonostante i peccati dei suoi membri e quale effetto questi possono avere sul Corpo mistico di Cristo. Cercheremo anche di presentare come avviene la purificazione della Chiesa, attuata affinché sia sempre più vicina al compimento della sua missione. Cercheremo infine di osservare il ruolo santificatore della Chiesa e di tutti i suoi membri attraverso la testimonianza e il compimento della sua missione santificatrice, svolta per perfezionare la santità di coloro che ad essa si accostano e, se è possibile vedere, nel mondo, la santificazione degli uomini mediante il compimento di questa missione, che è portare tutti alla conoscenza di Cristo e della santità alla quale Egli stesso li ha chiamati.

**Parole chiave:** Chiesa; Santità; Santificazione; Corpo Mistico di Cristo; Peccato; Professione di fede.



## ABREVIATURAS

AAS	<i>Acta Apostolicae Sedis</i>
Ap	Apocalipse de São João
At	Atos dos Apóstolos
CD	<i>Christus Dominus</i>
CIgC	Catecismo da Igreja Católica
Cl	Epístola aos Colossenses
Dt	Deuteronômio
Ef	Epístola aos Efésios
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
Ex	Êxodo
GeE	<i>Gaudete et Exsultate</i>
Gl	Epístola aos Gálatas
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
Hb	Epístola aos Hebreus
Jo	Evangelho segundo São João
Lc	Evangelho segundo São Lucas
LG	<i>Lumen Gentium</i>
Lv	Levítico
MC	<i>Mystici Corporis</i>
MeR	Memória e reconciliação: A Igreja e as culpas do passado
Mt	Evangelho segundo São Mateus
Nm	Números
Rm	Epístola aos Romanos
1Cor	Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios
2Cor	Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios
1Pd	Primeira Carta de São Pedro
2Pd	Segunda Carta de São Pedro
1Tm	Primeira Carta de São Paulo a Timóteo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 A IGREJA É SANTA.....</b>	<b>12</b>
1.1 A IGREJA DE CRISTO É UM MISTÉRIO .....	12
1.1.1 O sujeito Igreja .....	12
1.1.2 A essência da “ <i>Ekklesia</i> ” .....	15
1.2 CREIO NA IGREJA UNA, SANTA, CATÓLICA E APOSTÓLICA.....	17
1.2.1 A Igreja é una .....	18
1.2.2 A Igreja é Santa.....	20
1.2.3 A Igreja é católica .....	21
1.2.4 A Igreja é Apostólica.....	23
1.3 A SANTIDADE DA IGREJA NA HISTÓRIA .....	25
<b>2 A IGREJA É SANTA E SEMPRE NECESSITADA DE PURIFICAÇÃO.....</b>	<b>30</b>
2.1 A IMAGEM DO CORPO MÍSTICO DE CRISTO .....	31
2.2 A PERTENÇA DOS PECADORES À IGREJA.....	35
2.3 O EFEITO DO PECADO NA IGREJA .....	39
<b>3 A IGREJA É SANTA E SANTIFICA .....</b>	<b>44</b>
3.1 A IGREJA SANTIFICA .....	44
3.2 A SANTIFICAÇÃO DA IGREJA POR MEIO DA REALIZAÇÃO DE SUA MISSÃO ..	48
3.3 A BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA, MÃE DE DEUS E MÃE DA IGREJA .....	53
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>58</b>

## INTRODUÇÃO

A Igreja, em seu peregrinar na terra sempre esteve cercada de perseguições e incompreensões. Hoje, isto não é diferente. Com o advento do protestantismo, mudou-se radicalmente a concepção de pertença à Igreja por parte dos cristãos, que passaram a questionar fortemente qualquer doutrina ou pensamento que lhes parecesse incomodo. A Santidade é uma das notas essenciais da Igreja, presente nas mais diversas fórmulas de profissão de fé que obtemos por meio do estudo histórico, e presente formalmente tanto no símbolo apostólico quanto no símbolo niceno-constantinopolitano.

Mas o que significa crer na Santa Igreja Católica ou na Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica? Para muitos, significa crer em um *corpus perfectum*, totalmente alheio à história e à própria humanidade, o que se torna impossível de vivenciar por conta de nossa natureza pecadora. No entanto, crer na Santidade da Igreja, significa antes, crer na ação de Cristo, que se manifesta na Igreja e pela Igreja.

O debate atual a respeito da Santidade da Igreja acaba, quase sempre, por se basear na problemática da pertença dos pecadores e nas recentes reformas que a Igreja de Cristo passou. A constituição dogmática *Lumen Gentium* nos apresenta em seu número 8 que a Igreja é santa e sempre necessitada de purificação, pois reúne em seu seio pecadores, e por este motivo dedica-se sem descanso à penitência e à renovação. Isto não quer dizer que a Igreja é pecadora, já que isto é algo distinto.

É certo que esta afirmação levou a muitas discussões, mas a doutrina permanece inalterada, a profissão de Fé permanece intacta, A Igreja é Santa! Quando há pecadores em seu seio, os seus pecados não são capazes de manchar a Igreja de Cristo. Antes, quando pecam, os homens se afastam da santidade e conseqüentemente da Igreja. Tudo isto precisa ser compreendido, para que não incorramos em erros. Jesus Cristo nos deixou a sua Igreja para ser no mundo uma luz que nos conduza à Ele mesmo. Como pode não ser santa aquela que conduz ao Santo por excelência?

Este nosso trabalho se propõe a investigar o tema da Santidade da Igreja, professada no Credo como uma das notas essenciais da Igreja, mas que tem se tornado motivo de diversas discussões e questionamentos. Nosso trabalho buscará, pois, responder a algumas destas problemáticas, entendendo que a Santidade é verdadeira e visível na Igreja de Jesus Cristo, e que deve ser devidamente entendida para não se incorrer no erro.

O primeiro capítulo de nosso trabalho, intitulado a “Igreja é Santa”, buscará apresentar a Igreja de Jesus Cristo, mistério que se apresenta por meio de diversas imagens, cada uma com

seu significado singular. Buscaremos, ainda, neste capítulo, apresentar qual é o Sujeito Igreja e qual a sua essência, fazendo, em seguida uma apresentação e distinção das Notas essenciais da Igreja, presentes na Profissão de Fé, e que são indispensáveis para o correto entendimento da Igreja. Por fim, neste capítulo, apresentaremos ainda uma breve história da Santidade da Igreja, segunda nota essencial e objeto de estudo de nosso trabalho.

O segundo capítulo, intitulado “A Igreja é Santa e sempre necessitada de purificação” buscará adentrar na principal problemática que o estudo acerca da Santidade da Igreja enfrenta: a pertença dos pecadores à Igreja e a influência deles em sua missão. Em um primeiro momento, apresentaremos a imagem da Igreja como “Corpo Místico” de Jesus Cristo. Em seguida, discorreremos a respeito da pertença dos pecadores na Igreja, e quais são os efeitos que se observam por incorrência desta pertença na Igreja.

O terceiro e último capítulo, “A Igreja é Santa e santifica”, procurará apresentar a missão santificadora da Igreja. Esta sua missão de santificar o mundo por meio da realização deste mandato de Cristo será desenvolvido observando o papel da própria Igreja, luzeiro de santidade no mundo, apesar do pecado de seus membros, e Santa por ser santificada por Cristo, mas necessitada de levar todos os homens à plenitude de seu conhecimento e de sua visão. O papel dos membros também será observado, buscando elucidar que o exemplo e testemunho dos cristãos pode levar também à santificação dos homens. Por fim, veremos qual foi o papel da Santíssima Virgem Maria na obra de Santificação realizada por seu Filho e quais são os exemplos que Ela oferece a toda a Igreja para que realize plenamente sua missão.

Nossa obra partirá da Profissão de Fé, assumida solenemente por todos os cristãos católicos em seu Batismo, para assim, encontrar a resposta oferecida por Deus e a Graça por Ele oferecida a todos quantos a assumem com sinceridade. Dessa maneira, veremos que a santidade oferecida por Deus se faz presente na humanidade como um luzeiro que indica Cristo, e que convida cada um a realizar plenamente este seu chamado à Santidade, feito por Ele mesmo.

## 1 A IGREJA É SANTA

“Credo in [...] unam, sanctam, catholicam et apostolicam Ecclesiam”.

### 1.1 A IGREJA DE CRISTO É UM MISTÉRIO

O que é a Igreja? Essa pergunta perpassa toda a história do cristianismo, desde os seus primeiros séculos. São várias as denominações e as imagens que buscam apresentar o que é a Igreja, dentre elas povo de Deus, Jerusalém celeste, construção de Deus e Corpo místico de Cristo. Destacando, por exemplo, dentre tais imagens, as de povo de Deus e Corpo místico de Cristo, que receberam destaque singular no Concílio Vaticano II, e também depois, observamos que elas não se contrapõem, ainda que tenham um fundamento de observação distinto uma da outra. Essas imagens se “completam e iluminam reciprocamente”<sup>1</sup>. No entanto, falar dessas figuras não é o mesmo que falar da natureza ou essência da Igreja. Dessa maneira, neste primeiro momento de nosso capítulo buscaremos apresentar o que é a Igreja de Jesus Cristo, para posteriormente, observar as figuras que lhe são atribuídas.

#### 1.1.1 O sujeito Igreja

A Igreja se encontra presente na profissão de fé desde o período dos primeiros padres, ligada à profissão de fé batismal, tal como podemos ver nos textos da *Epistula Apostolorum*, provavelmente escrita por volta de 160-170 d. C., e da *Traditio apostolica*, oriunda por volta do ano 215 d. C.. Nesses textos, ela já se faz presente<sup>2</sup>, como “único sujeito-Igreja, que o Senhor nos concedeu; [...] sujeito que cresce no tempo e se desenvolve, permanecendo, porém, sempre o mesmo, único sujeito do Povo de Deus a caminho”<sup>3</sup>.

Para o povo de Israel, primeiros destinatários da salvação operada por Cristo, “a sua fé era, portanto, uma resposta a uma palavra pronunciada anteriormente. Nessa estrutura-de-resposta, tem fundamento o fato de que a fé do Antigo Testamento nunca pode ser considerada

<sup>1</sup> DE LUBAC Henri *apud* SCOLA Angelo. **Henri de Lubac, viagem através do Concílio; Hans Urs von Balthasar, viagem ao pós-concílio**. Campinas: Editora Ecclesiae, 2019, p. 38.

<sup>2</sup> cf. RÍO Pilar *apud* GOYRET, Philip (org.). **Dono e compito: La Chiesa nel simbolo della fede**. Roma: Città Nuova, 2012, p. 25.

<sup>3</sup> BENTO XVI. **Discurso à Cúria Romana por ocasião da apresentação dos votos de Natal**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/december/documents/hf\\_ben\\_xvi\\_spe\\_20051222\\_roman\\_curia.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/december/documents/hf_ben_xvi_spe_20051222_roman_curia.html). Acesso em 20/08/2023.

apenas como uma vaga fé-confiança, mas que tem um conteúdo concreto”<sup>4</sup>, uma pessoa, Jesus Cristo, que quis operar na história humana por meio de Sua Igreja.

A presença da Igreja no Símbolo de fé, seja ele o Apostólico ou o Niceno-Constantinopolitano, não passou despercebido pelos diversos comentadores ao longo da história. Isso se dá pelo fato de ela possuir um lugar específico e uma peculiaridade gramatical no texto do Símbolo, com a apresentação da fé na Igreja e da fé em Deus como distintas e inseparáveis. A esse respeito, o grande teólogo francês Henri de Lubac afirma: “O mistério da Igreja já se encontra expresso no primeiro [artigo], no mais elementar e popular dos nossos símbolos de fé: *Credo... sanctam Ecclesiam catholicam*. Ele ocupa ali um lugar bem determinado, que não é, de nenhuma maneira, casual e que é oportuno examinar”<sup>5</sup>.

O elemento estrutural da Profissão de fé é trinitário e já podemos observá-lo nos primeiros textos batismais nos primeiros séculos do cristianismo, nos quais aparece a proclamação de fé dos neófitos nas três Pessoas da Trindade, o Pai Criador, o Filho Redentor e o Espírito Santificador. Imediatamente depois dessa profissão trinitária, insere-se a Igreja, associada sempre à ação do Espírito Santo. Ao Espírito é atribuída a santificação, enquanto ao Pai a Criação e ao Filho a Redenção. Dessa maneira, o Batismo, a comunhão dos santos, a remissão dos pecados, a ressurreição e a vida do mundo que há de vir, são elementos presentes no Credo, incluídos no terceiro artigo que se refere ao Espírito Santo, juntamente com a Igreja: são consideradas como frutos da ação santificadora do Paráclito<sup>6</sup>.

Esses aspectos nos auxiliam a ver que a profissão de fé no Espírito Santo e a profissão de fé na Igreja se entrelaçam<sup>7</sup>. Da ação do Espírito Santo, depende o mistério da Igreja. Além disso, há uma formulação diversa da fé em Deus e na Igreja, até mesmo na forma linguística, na qual observamos que tanto no Símbolo apostólico como no niceno-constantinopolitano não há uma confissão de fé na Igreja, como se dá com Deus. Pelo contrário, dizemos: creio “em

---

<sup>4</sup> KASPER, W. *Introduzione alla fede apud Dono e compito*, 2012, p. 28. “La sua fede era dunque risposta ad una parola pronunciata prima. In questa struttura-di-risposta trova fondamento il fatto che la fede dell’Antico Testamento non è mai semplicemente una vuota fede-fiducia, ma ha un contenuto concreto”. (Tradução nossa).

<sup>5</sup> DE LUBAC, H. *Meditazione sulla Chiesa apud Dono e compito*, 2012, p. 53. “Il mistero della Chiesa è già espresso nel primo, nel più elementare e popolare dei nostri simboli di fede: *Credo... sanctam Ecclesiam catholicam*. Vi occupa un posto ben determinato, che non è affatto casuale e che è istruttivo esaminare”. (Tradução nossa).

<sup>6</sup> cf. RÍO, Pilar *apud Dono e compito*, 2012, p. 53-54.

<sup>7</sup> cf. RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo: Preleções sobre o Símbolo Apostólico*. São Paulo: Edições Loyola, 8ª edição, 2015, p. 249.

toda a Trindade ‘na Igreja’”<sup>8</sup>, ou seja, cremos à Igreja e não na Igreja. Cremos antes “em sua existência, em sua realidade sobrenatural, em sua unidade e em suas prerrogativas essenciais”<sup>9</sup>.

A presença da Igreja na Profissão de fé mostra, portanto, que ela se apresenta como mistério de fé, com sua origem trinitária e particular ação do Espírito, que é potência de Deus que opera na história, a partir da gloriosa Ressureição de Nosso Senhor Jesus Cristo<sup>10</sup>.

Outro aspecto presente no Símbolo é a revelação da Igreja como comunidade que crê; em outras palavras, sendo não somente um conteúdo de fé, mas um sujeito que crê. Ela crê no Senhor, em sua palavra e em sua existência, proclamando a Sua Glória. Ela é também a Esposa, que encontra em Maria o ícone perfeito do discipulado do Senhor, professando a fé n’Ele e em sua vinda no fim dos tempos<sup>11</sup>. “Esta, o ‘nós’ eclesial, que pela ação do Espírito foi formada como Corpo e Esposa de Cristo, e a quem o Evangelho foi confiado, é o sujeito da fé”<sup>12</sup>.

Esta é a Igreja que crê (Igreja fiel), uma comunidade que gera por intermédio do Batismo. A recepção dos novos cristãos no seio da Igreja se dá por meio de uma educação que os conduz a serem fiéis de fato, de modo que a fé recebida da Igreja se torne uma fé pessoal, que recebe todo o suporte da fé eclesial em vista de seu desenvolvimento, conduzindo esses fiéis, com e na Igreja, a dizerem pessoalmente que creem no Senhor<sup>13</sup>.

Diante de tudo isso, afirmamos que a Igreja não é Deus, mas é Sua obra, e por este motivo, um mistério de fé, inserido na história, mas que a transcende. A origem trinitária da Igreja ilumina toda a reflexão eclesiológica. É por meio da ação de Cristo e da força do Espírito, com a Palavra de Deus e os sacramentos, que a economia trinitária se realiza na história por meio da Igreja. Ela é “*Ecclesia de Trinitate*, e somente por meio do caminho de sua origem trinitária é possível compreendê-la como sujeito peregrinante na história – *communio* e inseparavelmente *sacramentum* – destinada à uma meta e a uma consumação escatológica”<sup>14</sup>.

A compreensão da Igreja como sujeito de fé, tal como no Credo, convida os fiéis a compreender não somente a fé como ato individual e subjetivo, mas como realidade eclesial,

<sup>8</sup> DE LUBAC, H. *Meditazione sulla Chiesa apud Dono e compito*, 2012, p. 56. “In tutta la Trinità ‘nella Chiesa’”. (Tradução nossa.)

<sup>9</sup> DE LUBAC, H. *Meditazione sulla Chiesa apud Dono e compito*, 2012, p. 56. “E cioè alla sua esistenza, alla sua realtà soprannaturale, alla sua unità, alle sue prerogative essenziali”. (Tradução nossa.)

<sup>10</sup> cf. RÍO, Pilar *apud Dono e compito*, 2012, p. 59.

<sup>11</sup> cf. RÍO, Pilar *apud Dono e compito*, 2012, p. 60.

<sup>12</sup> RÍO, Pilar *apud Dono e compito*, 2012, p. 61. “Questa, il “noi” ecclesiale, che per l’azione dello Spirito è stata formata come Corpo e Sposa di Cristo, e alla quale è stato affidato il Vangelo, è il soggetto della fede”. (Tradução nossa).

<sup>13</sup> cf. RÍO, Pilar *apud Dono e compito*, 2012, p. 60.

<sup>14</sup> RÍO, Pilar *apud Dono e compito*, 2012, p. 75. “*Ecclesia de Trinitate* e solo attraverso il cammino della sua origine trinitaria è possibile comprenderla come soggetto pellegrinante nella storia – *communio* e inseparabilmente *sacramentum* – destinato però ad una meta e ad una consumazione escatologica”. (Tradução nossa).

comunitária, já que a fé professada é da Igreja, e somente no íntimo da comunhão eclesial se pode viver uma fé autêntica, na qual se pode encontrar o Espírito Santo<sup>15</sup>.

### 1.1.2 A essência da “*Ekklesía*”

O termo *Igreja*, do grego “*Ekklesía*”, significa *convocação*, ou mesmo, *reunião*, *assembleia* (cf. ClgC, 751)<sup>16</sup>. No Evangelho de São Mateus (16, 18)<sup>17</sup>, quando Jesus trata da Sua Igreja, após a profissão de fé do apóstolo Pedro, é este o termo empregado, remetendo a outro termo, importante para a teologia veterotestamentária, “*qahál*”, vocábulo hebraico que significa *reunião* ou assembleia, ou mesmo *comunidade do povo eleito de Deus*<sup>18</sup>.

Ao analisarmos etimologicamente esses termos, observamos que o termo “*ekklésia*” possui uma relação com o verbo grego “*kalein*”, que significa *chamar*. No Antigo Testamento, a palavra “*qahál*” possuía mais o significado de assembleia convocada, comunidade do povo eleito, empregada principalmente no deserto, tal como vemos em Deuteronômio 4, 10<sup>19</sup>, ou em Atos dos Apóstolos 7, 38<sup>20</sup>. Afirma João Paulo II: “Também Jesus usa aquele termo para falar da ‘Sua’ comunidade messiânica, aquela nova assembleia convocada para a aliança no seu sangue, aliança anunciada no Cenáculo (cf. Mt 26, 28)”<sup>21</sup>.

Ao se denominarem as primeiras comunidades dos que criam no Cristo como *Igreja*, reconhece-se que ela é herdeira dessa assembleia, na qual Deus convoca seu povo, de todos os lugares, de forma a constituí-los como povo que lhe pertence. O termo “*Kyriakä*”, e seus derivantes, “*Church*” e “*Kirche*”, significa “a que pertence ao Senhor”, expressando justamente esta pertença a que acabamos de nos referir (cf. ClgC, 751). “A Igreja, tanto a do Antigo quanto a do Novo Testamento, é uma comunidade convocada por Deus; sublinha-se, portanto, a

<sup>15</sup> cf. RÍO, Pilar *in* **Dono e compito**, 2012, p. 75.

<sup>16</sup> **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

<sup>17</sup> “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Hades nunca prevalecerão contra ela”. Todas as citações bíblicas deste trabalho serão tiradas da: **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

<sup>18</sup> Cf. JOÃO PAULO II. **A Igreja: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja**. Lorena-SP: Editora Cléofas, 2004, p. 16.

<sup>19</sup> “[...] Iahweh me disse: ‘Reúne-me o povo, para que eu os faça ouvir minhas palavras e aprendam a temer-me por todo o tempo em que viverem sobre a terra, e as ensinem aso seus filhos’”.

<sup>20</sup> “Foi ele quem, na assembleia do deserto, esteve com o Anjo que lhe falava no monte Sinai e também com nossos pais [...]”. A nota “e” da Bíblia de Jerusalém, presente neste versículo, complementa: “O termo grego *ekklésia* tornou-se nossa palavra ‘igreja’ (cf. 5,11+; Mt 16,18+). Designava, em Dt 7,10+, a assembleia do povo santo no deserto. Cf. a ‘convocação santa’ (Ex 12,16; Lv 23,3; Nm 29,1). A Igreja, novo povo dos santos (9,13+), é herdeira do povo antigo”.

<sup>21</sup> JOÃO PAULO II, 2004, p. 17.



iniciativa divina. Em Mt 16, 18, Jesus deixa claro o seu desejo de edificar uma ‘ekklesia’, que, de fato, será fundada por ele mesmo”<sup>22</sup>.

A Igreja é um tema recorrente também na literatura paulina, onde se salienta uma continuidade entre Antigo e Novo Testamento, até mesmo com a afirmação da Igreja de Cristo como o “Israel de Deus” (Gl 6, 16)<sup>23</sup>. Este novo Israel não está condicionado a uma região, mas se estende pelo mundo inteiro, como vemos na passagem a seguir:

Na linguagem cristã, a palavra ‘Igreja’ designa a assembleia litúrgica, mas também a comunidade local ou toda a comunidade universal dos fiéis. Esses três significados são inseparáveis. “A Igreja” é o Povo que Deus reúne no mundo inteiro. Existe nas comunidades locais e se realiza como assembleia litúrgica, sobretudo eucarística. Ela vive da Palavra e do Corpo de Cristo e se torna, assim, Corpo de Cristo (CIgC, 752).

Dito isto, podemos nos perguntar: Qual é, pois, a essência dessa Igreja? Para responder, faz-se necessário olhar algumas imagens que nos auxiliam nessa interpretação. A Igreja de Cristo, em sua realidade, é um mistério, mas contemporaneamente uma instituição<sup>24</sup>. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, para apresentar esta realidade, se vale de diversas figuras, pois, “a natureza íntima da Igreja manifesta-se-nos por variadas imagens tiradas quer da vida pastoril ou agrícola, quer também da construção de edifícios ou da família e dos esposais” (LG, 6)<sup>25</sup>. A respeito destas imagens utilizadas pelo Concílio, Philips declara:

Levando em consideração o desejo dos Padres conciliares, eles agruparam as diversas figuras em torno de quatro temas, a saber: a vida pastoril, a vida agrícola, o edifício e a vida familiar. A quem objetasse que, apesar de pitorescos, a maior parte dos elementos tomados do ambiente pastoril e agrícola já não dizem quase nada à imagem do homem moderno, seria preciso responder que mesmo para um cidadão de hoje os quadros do *habitat*, da construção a *fortiori* da família conservam todo seu valor. São categorias humanas absolutamente universais<sup>26</sup>.

Após a apresentação dessas imagens, o Concílio prossegue com a explicação das noções de Corpo de Cristo, Povo de Deus e Templo do Espírito Santo. Cada uma destas noções é também uma imagem da Igreja, que refletem aspectos diferentes do mistério da Igreja<sup>27</sup>. Essas imagens demonstram a realidade do mistério da Igreja como algo precisamente divino, ou seja,

<sup>22</sup> COSTA, Françoá. **A Igreja de Jesus Cristo: Ecclesologia hoje**. São Paulo: Cultor de Livros, 2020, p. 184.

<sup>23</sup> cf. JOÃO PAULO II, 2004, p. 18.

<sup>24</sup> cf. GOMES, Eli Ferreira. “**Seitas**” Cristãs. **Confronto conceitual e noção teológica**. 2015. Tese (Doutorado em Teologia) – Facultas Theologiae, Pontificia Universitas Sanctae Crucis, Roma, 2015, p. 216.

<sup>25</sup> Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja in DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997.

<sup>26</sup> PHILIPS, Gérard. **A Igreja e seu mistério**, apud COSTA, 2020, p. 182-183.

<sup>27</sup> cf. COSTA, 2020, p. 183.

a sua historicidade não se separa da sua origem divina. Ora, observar, ao menos *en passant*, tais características, pode auxiliar-nos a ver qual é a sua essência<sup>28</sup>:

Esta é a única Igreja de Cristo, que no Símbolo professamos una, santa, católica e apostólica, que o nosso Salvador, depois de sua ressurreição, confiou a Pedro para que ele a apascentasse (cf. Jo 21,17), encarregando-o, assim como aos demais apóstolos, de a difundirem e de a governarem (cf. Mt 28,18ss), levantando-a para sempre como ‘coluna e sustentáculo da verdade’ (1Tm 3,15). Esta Igreja, como sociedade constituída e organizada neste mundo, subsiste na Igreja católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos bispos em comunhão com ele [...] (LG, 8).

O “Deus uno e Trino no qual cremos (*credo in Deum*) cria e recria a Igreja que cremos (*credo Ecclesiam*)”<sup>29</sup>, e Sua ação está sempre presente em Sua amada Igreja que é una, santa, católica e apostólica, e à qual nos dedicaremos a seguir.

## 1.2 CREIO NA IGREJA UNA, SANTA, CATÓLICA E APOSTÓLICA<sup>30</sup>

A Igreja de Jesus Cristo se apresenta segundo quatro notas essenciais: Una, Santa, Católica e Apostólica. Essas notas são distintas, porém, inseparáveis, e nós as distinguimos apenas para uni-las de uma melhor maneira. Elas são, também, essenciais porque são partes constituintes da Igreja como tal, e sem elas, não podemos conhecer verdadeiramente as suas características e, conseqüentemente, sem elas não poderíamos chegar a conceber a Igreja Católica como verdadeira Igreja de Cristo.

O Catecismo da Igreja Católica nos recorda que essas notas não são da Igreja em si mesma, mas é Cristo que, por meio do Espírito Santo, que confere o ser Una, Santa, Católica e Apostólica e a convida a realizar cada uma dessas características. É somente por meio da fé que se pode reconhecer que a Igreja recebe da sua fonte divina estas propriedades; entretanto, por meio de sua santidade, unidade católica e constância, ela mesma se apresenta como uma prova de sua missão divina (cf. CIGC, 811-812). A esse respeito, França Costa, em seu livro “A Igreja

<sup>28</sup> cf. COSTA, 2020, p. 204.

<sup>29</sup> COSTA, 2020, p. 204.

<sup>30</sup> “Os termos ‘notas, propriedades ou dimensões’, aplicados à Igreja, exprimem o que ela é em si mesma e ajudam a entender o seu mistério através da linguagem humana. As notas afirmam a veracidade da Igreja: por meio das quatro notas sabemos onde se encontra a verdadeira Igreja: por meio das quatro notas sabemos onde se encontra a verdadeira Igreja, por isso tornam-se ‘sinais distintivos’ da Igreja. Mas o interesse destas reflexões é dogmático e não apologético, pois seu objeto é a inteligência da Igreja. Assim, elas são, indubitavelmente, propriedades da Igreja, reunidas, porque emanam de sua natureza intrínseca. Também são inseparáveis umas das outras, mas distinguidas apenas para a reflexão teológica, pois convivem numa correlação interna e presença recíproca”. HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. **A Amada Igreja de Jesus Cristo: Manual de Ecclesiologia como Comunhão Orgânica**. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2003, p. 101.

de Jesus Cristo: *Eclesiologia hoje*”, resume de maneira completa, aquilo que, neste tópico, iremos desenvolver:

Do lado aberto do Redentor brota o admirável mistério do seu Corpo entre nós, isto é, da Igreja. Como o corpo de Cristo é um só e está todo unido com a Cabeça, necessariamente a Igreja é una e única; como o corpo de Cristo é santo, a Igreja é necessariamente santa; como a salvação nos vem por meio da humanidade de Cristo, de seu corpo (cf. 1Tm 2,5), que se estende por todas as partes, a Igreja é necessariamente católica (universal); como o corpo de Cristo foi confiado aos Apóstolos na última ceia e como foram eles as testemunhas da paixão e ressurreição, a Igreja é necessariamente apostólica<sup>31</sup>.

### 1.2.1 A Igreja é una

A Igreja de Jesus Cristo é una e única. Ela recebe esta nota da Trindade, como uma participação no mistério de Deus, que é Uno e Trino. Ademais, a Igreja tem no mistério da Cruz o seu elemento constitutivo, surgindo do lado aberto do Redentor: isso justifica teologicamente sua unidade e unicidade. A unidade elucida que a Igreja possui uma coesão interna, e a unicidade atesta que ela é a única Igreja de Cristo<sup>32</sup>.

As Sagradas Escrituras nos dão abundantes provas desta unidade. Em todo o Novo Testamento, esta nota se apresenta de formas variadas: no livro dos Atos dos Apóstolos, em que há a apresentação da vida comunitária de forma harmoniosa entre os cristãos (At 2,41-47; 4,32-37); na oração sacerdotal de Jesus Cristo no capítulo 17 de São João; na narrativa da instituição do primado petrino em Mateus 16,18-19; e na teologia da Carta aos Efésios (4,4-6<sup>33</sup>)<sup>34</sup>.

É preciso notar que, nestas distintas expressões e em seus usos bíblicos, o acento principal se põe sobre Deus, termo supremo de referência, cuja unidade e unicidade se comunica à casa ou ao templo em que ele habita, à cidade da qual é o príncipe e princípio, aquela de quem Ele é o esposo, ao povo que crê na unidade e que chama à existência consagrando-o. A unidade de toda a Igreja está originada e manifestada, historicamente falando, no acontecimento de Pentecostes e particularmente no milagre das línguas (cf. At 2,1ss.)<sup>35</sup>.

<sup>31</sup> COSTA, 2020, p. 219.

<sup>32</sup> cf. COSTA, 2020, p. 220

<sup>33</sup> “Há um só Corpo e um só Espírito, assim como é uma só a esperança da vocação a que fostes chamados; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, por meio de todos e em todos”.

<sup>34</sup> cf. DELFA, Rosario La *in* CALABRESE, Gianfranco; GOYRET, Philip; PIAZZA, Orazio Francesco (eds.). **Diccionario de Eclesiología**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2016, p. 1537.

<sup>35</sup> DELFA, Rosario La *in* **Diccionario de Eclesiología**, 2016, p. 1538. “Hay que notar que, en estas distintas expresiones y en sus usos bíblicos, el acento principal se pone sobre Dios, término supremo de referencia, cuya unidad y unicidad se comunica a la casa o al templo que él habita, a la ciudad de la que es el príncipe y el principio, aquella de quien él es esposo, al pueblo de quien crea la unidad y que llama a la existencia consagrándolo. La unidad de toda la Iglesia está originada y manifestada, históricamente hablando, em el acontecimiento de Pentecostés y particularmente en el milagro de las lenguas (cf. Hch 2,1ss.)”. (Tradução nossa).

O próprio Senhor Jesus clamou pela unidade, e isto podemos ver no coração da sua oração sacerdotal<sup>36</sup>, em João 17: “que sejam um como nós” (Jo 17, 11), e ainda, “Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes dei a glória que me deste para que sejam um, como nós somos um: Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade.” (Jo 17, 21-23). Jesus, enquanto esteve presente com seus discípulos, era Ele mesmo o fator unificante, conservando-os em nome de Seu Pai. Na iminência de sua morte, o Senhor se volta ao Pai pedindo que todos sejam um, e confia a missão de unificar aos seus discípulos<sup>37</sup>.

A esse respeito, o Catecismo da Igreja Católica afirma que “a Igreja é uma por sua fonte: ‘Deste mistério, o modelo supremo e o princípio é a unidade de um só Deus na Trindade de Pessoas, Pai e Filho no Espírito Santo’. A Igreja é uma por seu Fundador (Jesus Cristo). [...] A Igreja é uma por sua alma: O Espírito Santo” (CIgC, 813).

Essa unidade apresenta uma diversidade, seja pela diversidade de dons, seja pela multiplicidade das pessoas que recebem esses mesmos dons. Desta maneira, na unidade do povo de Deus, está inserida a diversidade dos povos e culturas, que por mais que não se oponham à unidade da Igreja, devem sempre pautar-se por alguns vínculos de comunhão, pelos quais se torna visível a unidade da Igreja (cf. CIgC, 814). Esses vínculos são: “a profissão de uma única fé recebida dos Apóstolos; a celebração comum do culto divino, sobretudo dos sacramentos; a sucessão apostólica, por meio do Sacramento da Ordem, que mantém a concórdia fraterna da família de Deus” (CIgC, 815).

Por fim, cabe lembrar que, durante a história, várias foram as rupturas entre os cristãos. O Magistério da Igreja é claro ao afirmar que a Igreja constituída e fundada por Cristo, subsiste na Igreja Católica (cf. LG, 8), e é necessário que busque caminhos para uma unidade entre os cristãos, sem negar esta realidade. Alguns apelos para que se busque essa unidade estão contidos no número 821 do Catecismo da Igreja Católica, que condensa alguns parágrafos do Decreto *Unitatis Redintegratio* do Concílio Vaticano II: “uma renovação da Igreja em uma fidelidade maior à sua vocação [...]; a conversão do coração, ‘com vistas a viver mais puramente segundo o Evangelho’ [...]; a oração comum [...]; o conhecimento fraterno recíproco [...]; a formação ecumênica [...]; o diálogo entre os teólogos e os encontros entre os cristãos de diferentes Igrejas e comunidades; a colaboração entre cristãos.” Lembremo-nos, entretanto, que “a reconciliação

---

<sup>36</sup> cf. MUSONI, Aimable in *Dono e compito*, 2012, p. 127.

<sup>37</sup> cf. MUSONI, Aimable in *Dono e compito*, 2012, p. 127.

de todos os cristãos na unidade de uma só e única Igreja de Cristo, ultrapassa as forças e as capacidades humanas” (CIgC, 822).

### 1.2.2 A Igreja é Santa<sup>38</sup>

A segunda nota essencial da Igreja é a sua Santidade. O Senhor Jesus se entregou pela Sua Igreja, pelo seu povo, amando-a como esposa, a fim de santificá-la. A Igreja é, “aos olhos da fé, indefectivelmente santa” (LG, 39), e unida ao seu Esposo, como um corpo, convida todos os seus membros à santidade, sendo ela mesmo um modelo e uma ação santificante, por ter sido santificada por Ele (cf. CIgC, 824). O apóstolo Paulo, a esse respeito afirma que “Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, a fim de purificá-la com o banho da água e santificá-la pela Palavra, para apresentar a si mesmo a Igreja, gloriosa, sem mancha nem ruga, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (Ef 5, 25-27).

A respeito do chamado universal à santidade, São Josemaria Escrivá afirma que esta consiste em uma maior intimidade com o Senhor, que inevitavelmente cresce, sendo a maior união com Deus que possa existir. Prossegue ainda elucidando que “a Igreja é a obra da Santíssima Trindade; é Santa Mãe, a Nossa Madre Igreja”<sup>39</sup>, sendo sua santidade indefectível, mesmo que escondida aos olhos humanos. São Pedro, no segundo capítulo de sua primeira carta confere o título de povo santo aos cristãos (cf. 1Pd 2, 9), e como membros deste povo santo, todos os fiéis se devem esforçar para alcançar a santidade e para unir-se cada vez mais à Igreja de Cristo, Santa e divina, mas também humana, pois é composta por homens<sup>40</sup>.

É por sua origem divina que compreendemos a Igreja como santa, separada, pertencente por inteiro a Deus, como Esposa do Cordeiro, à qual Jesus Cristo confiou a sua vida, obra e salvação para todas as gerações. Em sua santidade, a Igreja tem como missão incorporar todos os homens a Cristo, concedendo-lhes a capacidade de buscar viver plenamente a sua vocação à santidade e ao apostolado<sup>41</sup>. Os pecados dos membros da Igreja, no entanto, não reduzem ou excluem a sua santidade, e veremos isto no decorrer de nosso trabalho. Por hora, podemos rezar com São Josemaria Escrivá:

“Santa! Santa! Santa!, ousamos cantar à Igreja, evocando o hino em honra da Santíssima Trindade. Tu és Santa, Igreja, minha Mãe, porque foste fundada pelo Filho de Deus,

<sup>38</sup> Esta nota, objeto de nosso trabalho, será melhor desenvolvida. No entanto, cabe-nos aqui, apresentá-la de forma breve, principalmente trazendo as contribuições do Catecismo da Igreja Católica, auxiliando na compreensão destas notas, distintas, mas indissociáveis.

<sup>39</sup> ESCRIVÁ, Josemaria. **Amar a Igreja**. São Paulo: Quadrante, 2016, p. 30.

<sup>40</sup> cf. ESCRIVÁ, 2016, p. 31.

<sup>41</sup> cf. COSTA, 2020, p. 230-231.

Santo; és Santa porque assim o dispôs o Pai, fonte de toda a santidade; és Santa porque te assiste o Espírito Santo, que mora na alma dos fiéis a fim de reunir os filhos do Pai, que habitarão na Igreja do Céu, a Jerusalém eterna”<sup>42</sup>.

### 1.2.3 A Igreja é católica

O que significa dizer que a Igreja de Jesus Cristo é católica? O Catecismo da Igreja Católica, ao tratar da terceira nota, nos apresenta a etimologia da palavra “católico”, que significa “‘universal’ no sentido de ‘segundo a totalidade’ ou ‘segundo a integralidade’” (CIgC 830). Essa noção de universalidade está presente já no nascimento da Igreja, pois o Senhor incumbiu os seus Apóstolos a irem por todo o mundo e fazer com todos os homens se tornassem discípulos, tal como vemos em Mateus 28,19<sup>43</sup>, e na conseqüente abertura da fé àqueles que não eram judeus<sup>44</sup>.

Esta palavra (*católica*), de origem grega, não aparece nas Sagradas Escrituras. Ela é encontrada pela primeira vez em uma carta de Santo Inácio de Antioquia à Igreja de Esmirna: “onde está Jesus Cristo, aí está a Igreja Católica”<sup>45</sup>. É encontrada também nas Atas do martírio de São Policarpo, em 155, sendo a partir de então comumente utilizada, inclusive sendo adicionada como nota ou adjetivo da Igreja, antes do século IV. Com o crescimento da Igreja e sua expansão por outras regiões, esse termo foi assumindo outro significado, sendo agora aquele que conserva a mesma fé por meio da comunhão com todas as Igrejas particulares. Vemos, pois, que a palavra “Católica”, foi assumindo com o decorrer do tempo, também o significado de oposição ao cisma ou à heresia<sup>46</sup>.

A catolicidade da Igreja está presente em diversos textos do Concílio Vaticano II, mesmo que de forma implícita. No entanto, está presente de forma explícita e completa no número 13 da *Lumen Gentium*, na qual a reflexão a esse respeito se encontra com as suas mais relevantes observações<sup>47</sup>. O número 13 da *Lumen Gentium*, seguramente um dos textos mais iluminadores a respeito da nota da catolicidade<sup>48</sup>, nos apresenta que todos, em Jesus Cristo, são chamados a formar o novo povo de Deus, uno e único, para dessa maneira, expandir-se até os

<sup>42</sup> ESCRIVÁ, 2016, p. 34.

<sup>43</sup> “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.

<sup>44</sup> cf. COSTA, 2020, p. 236-237.

<sup>45</sup> (Ad Esm. 8,2) *apud* COSTA, 2020, p. 237.

<sup>46</sup> cf. COSTA, 2020, p. 238.

<sup>47</sup> cf. GOYRET, Philip *in* **Dono e compito**, 2012, p. 247.

<sup>48</sup> cf. REPOLE, Roberto *in* **Diccionario de Eclesiología**, 2016, p. 111.

confins do mundo e cumprir os desígnios de Deus: “Assim, o único povo de Deus estende-se a todos os povos da terra, dentre os quais vai buscar os seus membros, cidadãos de um reino de natureza celeste e não terrena. De fato, todos os fiéis espalhados pelo mundo mantêm-se em comunhão com os demais no Espírito Santo” (LG, 13).

Diante desta comunhão no Espírito a que todos são chamados, surge a questão a respeito das Igrejas particulares. O texto conciliar afirma a respeito das Igrejas particulares: “Por força desta catolicidade, cada parte contribui com os seus dons peculiares para as demais e para toda a Igreja, [...] o povo de Deus não só reúne povos diversos, mas ainda em si mesmo se desenvolve a união das várias ordens” (LG, 13). Esse texto se refere ao dinamismo da unidade católica, inserido no contexto das Igrejas locais, presididas pelos Bispos em uma realidade eclesial plena, principalmente mediante o anúncio evangélico e a celebração dos sacramentos, tudo isso em comunhão com a Igreja universal<sup>49</sup>.

O Decreto *Christus Dominus* do Concílio Vaticano II, a respeito dos bispos e de seu múnus pastoral, afirma sobre as Igrejas particulares: elas são “a porção do povo de Deus, que se confia aos cuidados pastorais de um bispo, coadjuvado pelo seu presbitério, para que unida ao seu Pastor e reunida por ele no Espírito Santo por meio do Evangelho e da Eucaristia, constitua uma Igreja particular, na qual está e opera verdadeiramente a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica” (CD, 11)<sup>50</sup>. O Romano Pontífice possui um papel singular na dimensão hierárquica da Igreja, pois o texto da *Lumen Gentium* 13 a que nos referíamos anteriormente, menciona o papel do Papa como aquele que preside a comunhão universal na caridade, cuidando para que as Igrejas particulares sirvam à Unidade e não a firam ou se separem da comunhão na Igreja de Cristo (cf. LG, 13).

Outro aspecto de grande destaque no estudo sobre a catolicidade da Igreja é a problemática da salvação fora da Igreja Católica. A *Lumen Gentium* nos apresenta a Igreja como sacramento universal de salvação, e como tal, sua catolicidade se dá como dom e compromisso, proveniente do próprio Deus, gratuita e incondicionalmente, que lhe outorga ser sempre dinâmica e missionária, levando a todos os homens à salvação dada pelo Senhor Jesus<sup>51</sup>. A formulação, “Fora da Igreja não há salvação”, vista de forma positiva, quer ensinar que é por meio de Cristo, Cabeça da Igreja, que vem toda a salvação. Dessa maneira, quem tem

<sup>49</sup> cf. REPOLE, Roberto in *Diccionario de Ecclesiología*, 2016, p.11-112.

<sup>50</sup> *Decreto Christus Dominus sobre o múnus pastoral dos Bispos na Igreja in Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

<sup>51</sup> cf. GOYRET, Philip in *Dono e compito*, 2012, p. 248.

conhecimento de que a Igreja de Jesus Cristo subsiste na Igreja Católica e mesmo assim não quer a ela aderir, não pode se salvar (cf. CIgC 846).

“A catolicidade da Igreja, junto às outras três propriedades, é objeto de um ato de fé (“*Credo Ecclesiam...*”) e isso deve ser considerado com todo o seu peso. Não se trata de um opcional, mas de um atributo essencial”<sup>52</sup>. Essa denominação é, antes de mais, “uma atitude essencial de totalidade que recolhe em si todas as outras dimensões. Quando dizemos *católica*, no fundo dizemos com uma única palavra tudo aquilo que se pode dizer da Igreja”<sup>53</sup>.

#### 1.2.4 A Igreja é Apostólica

Denominar a Igreja como Apostólica é reconhecer que ela foi fundada sobre a fé dos Apóstolos, principalmente no Apóstolo Pedro. O Catecismo da Igreja Católica nos apresenta três sentidos para isto:

Ela foi e continua sendo construída sobre “o fundamento dos apóstolos” (Ef 2,20), testemunhas escolhidas e enviadas em missão pelo próprio Cristo; – ela conserva e transmite, com ajuda do Espírito que nela habita, o ensinamento, o depósito precioso, as salutares palavras ouvidas da boca dos apóstolos; - ela continua a ser ensinada, santificada e dirigida pelos apóstolos, até a volta de Cristo, graças aos que a eles sucedem na missão pastoral: o colégio dos bispos, “assistido pelos presbíteros, em união com o sucessor de Pedro, pastor supremo da Igreja” (CIgC, 857).

A sucessão apostólica nos bispos e a sucessão específica do apóstolo Pedro na pessoa do Papa, mostra de maneira especial a apostolicidade da Igreja e garante também que a fé professada seja verídica, conectando a Igreja com os Apóstolos, que foram aqueles que receberam do Cristo a missão de testemunhar e transmitir os Seus ensinamentos. Essa missão, deve manifestar-se por meio da pregação da Palavra, pela celebração dos sacramentos e pelo pastoreio exercido pelos sucessores dos Apóstolos. Tudo isso deve ser realizado de forma a haver um aprofundamento e descoberta das potencialidades dessa missão, sem, no entanto, alterar a fé<sup>54</sup>.

A figura do Romano Pontífice é um ponto de unidade e adesão de fé ao Cristo Senhor. No Papa, vemos a Cristo, cabeça da Igreja, que entregou ao apóstolo Pedro a missão de ser esta cabeça da Igreja aqui na terra, visível entre nós. É por meio dessa autoridade petrina que a Igreja

<sup>52</sup> GOYRET, Philip in **Dono e compito**, 2012, p. 266. “La cattolicità della Chiesa, insieme alle altre tre proprietà, è oggetto di un atto di fede (*‘Credo Ecclesiam...’*) e ciò va preso con tutto il suo peso”. (Tradução nossa).

<sup>53</sup> GOYRET, Philip in **Dono e compito**, 2012, p. 289. “un atteggiamento essenziale di totalità che raccoglie in sé tutte le altre dimensioni. Quando diciamo *cattolica*, in fondo diciamo con un’unica parola tutto ciò che si può dire della Chiesa”. (Tradução nossa).

<sup>54</sup> cf. COSTA, 2020, p. 244-245.



é Una, de forma esclarecida e perfeita. Não existe outra Igreja Católica, senão esta, que na figura da unidade com o sucessor de Pedro, se levanta em um único corpo conexo e compacto<sup>55</sup>.

Outro fator que merece consideração em nosso estudo sobre a apostolicidade, é que a palavra *apóstolo* implica uma noção de envio. É certo que a Igreja começa com o testemunho apostólico, mas isso não implicou que permanecesse somente neste núcleo; ao contrário, é convidada a uma extensão e duração indefinida. Observando que a Igreja se configura como uma dilatação do núcleo apostólico, podemos afirmar que ela possui uma natureza apostólica, pelo envio dos Apóstolos e da própria Igreja, por Jesus Cristo, a desempenhar a sua missão de propagação da fé<sup>56</sup>.

Por esse motivo, todos os fiéis são chamados a também fazer apostolado. O envio missionário remete à noção de apóstolo e apostolicidade. A Igreja, peregrinante sobre a terra, é descrita como uma *convocatio* e *congregatio*, com enfoque claro no anúncio querigmático, forma de comunicação da fé que todos os cristãos são chamados a propagar, até àquele momento em que “haverá um só rebanho e um só pastor” (Jo 10, 16)<sup>57</sup>. As quatro notas essenciais da Igreja, presentes na *Professio fidei*, lhe são constitutivas, e, observando a sua relevância e clareza na explicação daquilo que a Igreja é, podemos com São Paulo VI professá-las hoje e sempre:

Creemos na Igreja una, santa, católica e apostólica, edificada por Jesus Cristo sobre a pedra que é Pedro. Ela é o Corpo Místico de Cristo, sociedade visível, estruturada em órgãos hierárquicos e, ao mesmo tempo comunidade espiritual. Igreja terrena, Povo de Deus peregrinando aqui na terra, e Igreja enriquecida de bens celestes, germe e começo do Reino de Deus, por meio do qual a obra e os sofrimentos da redenção continuam ao longo da história humana, aspirando com todas as forças à consumação perfeita, que se conseguirá na glória celestial após o fim dos tempos. No decurso do tempo, o Senhor Jesus forma a sua Igreja pelos Sacramentos que emanam de sua plenitude. Por eles a Igreja faz com que seus membros participem do mistério da Morte e Ressureição de Jesus Cristo, pela graça do Espírito Santo que a vivifica e move. Por conseguinte, ela é santa, apesar de incluir pecadores no seu seio; pois em si mesma não goza de outra vida senão a vida da graça. Se realmente seus membros se alimentam dessa vida, se santificam, se dela se afastam, contraem pecados e impurezas espirituais que impedem o brilho e a difusão de sua santidade. É por isso que ela sofre e faz penitência por esses pecados, tendo o poder de livrar deles seus filhos, pelo Sangue de Cristo e pelo dom do Espírito Santo<sup>58</sup>.

<sup>55</sup> cf. ESCRIVÁ, 2016, p. 42.

<sup>56</sup> cf. MAZZOLINI, Sandra in **Dono e compito**, 2012, p. 313.

<sup>57</sup> cf. MAZZOLINI, Sandra in **Dono e compito**, 2012, p. 330-331.

<sup>58</sup> PAULO VI. **O Credo do Povo de Deus: a profissão de fé de Paulo VI**. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 20-21.

### 1.3 A SANTIDADE DA IGREJA NA HISTÓRIA

A santidade é uma propriedade de Deus, só Ele é santo, e quando buscamos afirmar a santidade da Igreja, fazemos isto levando em consideração a participação divina na sua instituição, manutenção e sua conseqüente relação com a Santíssima Trindade. Ao dedicarmos ao estudo da Santidade da Igreja, podemos fazê-lo estruturando o discurso em dois níveis, ou seja, sobre a santidade objetiva e a santidade subjetiva. A primeira se insere habitualmente no contexto dos dons de Deus feitos à Igreja; já a segunda, diz respeito aos seus frutos, em especial, os santos gerados<sup>59</sup>.

Mas em que consiste a Santidade da Igreja a que nos propomos estudar em nosso trabalho? A história dessa propriedade ou nota da Igreja remonta aos séculos II e III, introduzida nos Símbolos de fé para combater heresias como o montanismo e o gnosticismo, as quais reivindicavam uma santidade especial para determinados indivíduos que desempenhavam funções específicas ou eram iniciados nos mistérios ocultos. Por esse motivo, “a Igreja respondeu indicando que a santidade verdadeira não estava limitada a alguns, era algo que caracterizava a Igreja universal e visível, identificável na sucessão apostólica”<sup>60</sup>.

Retornando brevemente às Sagradas Escrituras, observamos também como essa temática está presente. Nelas, não se encontra a expressão “Igreja Santa” ou mesmo uma menção à Santidade da Igreja. Encontramos, em contrapartida, diversas indicações a respeito da relação de Deus com seu povo, uma relação que se dá livremente, de forma estável, viva e rica, profundamente marcada por manifestações variadas. Essa relação pode ser compreendida ou denominada como “Aliança”. Essa aliança de Deus com o seu povo é uma realidade complexa, e um esquema interpretativo que nos auxilia a entender as relações de Deus com o povo ao longo da história, a compreender melhor a forma como as Sagradas Escrituras nos mostra a Santidade da Igreja, como participação na vida e na relação com Deus<sup>61</sup>.

Como dissemos anteriormente, a santidade é uma propriedade divina, porém, no Antigo Testamento, encontramos outro significado para santidade, distinto desse primeiro relacionado à transcendência de Deus para com suas criaturas, mais moral, em que o comportamento de Deus se apresenta diferente do comportamento humano. Diante da

---

<sup>59</sup> cf. DE SALIS, Miguel *in* **Diccionario de Eclesiología**, 2016, p. 1352.

<sup>60</sup> DE SALIS, Miguel. **Concidadãos dos santos e membros da família de Deus**: Estudo histórico-teológico sobre a santidade da Igreja. Lisboa: Paulus, 2013, p. 13.

<sup>61</sup> cf. DE SALIS, Miguel *in* **Diccionario de Eclesiología**, 2016, p. 1352-1353.

infidelidade de Israel, Deus permanece fiel à escolha-vocação do povo como o seu povo escolhido<sup>62</sup>.

“A relação entre Deus e Israel se manifesta também na ideia de pertença: Israel pertence a Deus (Dt 7,6s), é seu povo. Deus o separou, consagrou, de outros povos (Dt 14,2; Lv 20,26; Nm 23,9)”<sup>63</sup>. Desta relação, observa-se a santidade de Israel que, antes de mais, significa sua transcendência a respeito de outras nações e impossibilidade de buscar fins que não são os indicados por Ele. Deus manifesta a sua santidade em diversas intervenções, ao passo que as ações das pessoas escolhidas por Ele também manifestam sua santidade. Diante disso, vemos que a santidade do povo de Israel se apresenta de forma mais clara como pertença ao Senhor, como proximidade a Deus, que escolhe e caminha junto com o povo eleito. Cabe ainda dizer que a santificação também pode ser entendida como consagração ou dedicação de uma pessoa, coisa ou tempo a Deus, do qual é Ele mesmo o agente santificador<sup>64</sup>.

O Novo Testamento apresenta a santidade em continuidade ao que foi apresentado no Antigo, porém, com uma novidade singular, que é a presença de Cristo e do Espírito Santo. A ideia de santidade como pertença a Deus se prolonga no Novo Testamento por meio da continuidade das promessas feitas a Israel, na Igreja. Com o resgate dos homens do pecado por meio do sangue de Cristo, estes mesmos homens são reunidos em um só povo para Deus. Tal resgate feito por Cristo inaugura uma nova relação, que se dá por meio da Igreja, e que ao purificar os pecados dos homens, insere-os na vida divina, conduzindo a viver para o seu Senhor. “Cristo santificou a Igreja, novo povo, entregando-se a si mesmo por ela, para apresentá-la sem mancha nem ruga (Ef 5,25s)”<sup>65</sup>, diante disso, ela não pode ser entendida no mesmo nível de instituições civis, culturais ou sociais, pois ela vive para o Senhor e se encontra em caminho rumo à cidade futura (cf. Hb 13,14).

A relação com Cristo e com o Espírito Santo nos sacramentos e na vida é uma novidade neotestamentária. “Esta relação tem sua concretude na fé e nos sacramentos de fé, que conferem a possibilidade e a capacidade de viver uma vida inteira de relações e de culto com Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. Os sacramentos oferecem uma vida nova em Cristo, permanente, que se prolonga até a vida eterna”<sup>66</sup>. Dentre os sacramentos, a Eucaristia é aquele que garante a

<sup>62</sup> cf. DE SALIS, Miguel in **Diccionario de Eclesiología**, 2016, p. 1353.

<sup>63</sup> DE SALIS, Miguel in **Diccionario de Eclesiología**, 2016, p. 1354. “La relación entre Dios e Israel se manifesta también en la idea de pertenencia: Israel pertenece a Dios (Dt 7,6s), es su pueblo. Dios lo ha separado, consagrado, de los otros pueblos (Dt 14,2; Lev 20,26; Núm 23,9)”. (Tradução nossa).

<sup>64</sup> cf. DE SALIS, Miguel in **Dono e compito**, 2012, p. 180.

<sup>65</sup> DE SALIS, Miguel in **Diccionario de Eclesiología**, 2016, p. 1355. “Cristo ha santificado a la Iglesia, nuevo pueblo, entregándose a sí mismo por ella, para presentarla sin mancha ni arruga (Ef 5,25ss)”. (Tradução nossa).

<sup>66</sup> DE SALIS, Miguel in **Diccionario de Eclesiología**, 2016, p. 1356. “Esta relación tiene su concreción en la fe y en los sacramentos de la fe, que confieren la posibilidad y la capacidad de vivir una vida entera de relaciones

santidade da Igreja, como presença do Santo em meio aos santos, pois por meio dela se realiza a participação na vida divina que se estende a todos.

Vemos que tanto no Antigo como no Novo Testamento, não existe uma santidade da Igreja, ou de Israel, propriamente dita, mas sim uma doação por parte de Deus, de sua santidade. A santificação operada por Cristo aguarda uma resposta por parte do cristão. Sua santidade é um chamado que exige que se viva de acordo com os dons recebidos. Para se tornar santo, no entanto, não se exclui a participação ou ação do homem em receber os dons divinos em vista da sua santificação; pelo contrário, pede-se que, por meio do exercício das virtudes cristãs e do desenvolvimento de suas capacidades, ele possa transformar-se em dom para os outros, seguindo o exemplo do Senhor<sup>67</sup>. Em síntese:

As Sagradas Escrituras nos mostram com frequência que Deus normalmente gosta de atuar por meio da resposta de seus eleitos. Levando às últimas consequências este raciocínio, diremos que a “tarefa” que Deus pede a uns é “dom” para outros. O paradigma habitual desta resposta se encontra na Virgem que, com seu *fiat* livre, cheio de fé e de amor de Deus, permitiu o nascimento da Igreja<sup>68</sup>.

Avançando na compreensão da santidade da Igreja, voltemo-nos agora a alguns períodos da história em que essa temática se desenvolveu e pode ser melhor compreendida e transmitida a nós. No período da Patrística, as referências à santidade da Igreja são numerosas e variadas. Encontram-se diversas alusões a figuras da Igreja ligadas ao Antigo Testamento, com marcos ou aplicações pedidas a todos os cristãos em conjunto. Há, ainda, uma comum apresentação da santidade dos cristãos, que assim devem ser justamente por terem sido renovados por Cristo<sup>69</sup>.

As heresias são exemplos de como os embates favoreceram a elaboração teológica da santidade da Igreja já nestes primeiros séculos:

A polêmica com os montanistas e com os gnósticos provocou uma definição do adjetivo “santa” para qualificar a Igreja nos primeiros Símbolos. O sentido do acréscimo deste termo era negar a existência de uma hierarquia da santidade – restrita – paralela à hierarquia apostólica. Diante dos novacianos e na discussão dos *lapsi*, os Padres tiveram de distinguir, sem separá-las, entre santidade pessoal dos cristãos e a

---

y de culto con Dios Padre, Hijo y Espíritu Santo. Los sacramentos ofrecen una vida nueva em Cristo, permanente, que se prolongará hasta la vida eterna”. (Tradução nossa).

<sup>67</sup> cf. DE SALIS, Miguel in **Dono e compito**, 2012, p. 186.

<sup>68</sup> DE SALIS, Miguel in **Diccionario de Ecclesiología**, 2016, p. 1357. “La Sagrada Escritura nos muestra con frecuencia que a Dios normalmente le gusta actuar a través de la respuesta de sus elegidos. Llevando a sus últimas consecuencias este razonamiento diremos que la “tarea” que Dios pide a unos es “don” para otros. El paradigma habitual de esta respuesta se encuentra em la Virgem que, con su *fiat* libre, lleno de fe y de amor de Dios, ha permitido el nacimiento de la Iglesia”. (Tradução nossa).

<sup>69</sup> cf. DE SALIS, Miguel in **Diccionario de Ecclesiología**, 2016, p. 1357.

universalidade da missão santificadora da Igreja: ela foi enviada a salvar a todos, e não há outro meio de salvação. Portanto, quem pecava e se arrependia, podia ser readmitido à comunhão com a penitência congruente. Sua presença como penitente não afetava a santidade da Igreja. Na polêmica contra os donatistas, os Padres descreveram a oferta salvífica de Deus nos sacramentos, independentemente da santidade dos ministros. Quem batiza é Cristo, e não um ministro determinado. Os efeitos salvíficos dos sacramentos não dependem da santidade do ministro, mas da recepção frutuosa e livre da graça que Cristo oferece nos sacramentos. Assim, delineou-se a distinção entre dons divinos oferecidos por meio dos sacramentos, independentemente de sua vida sobrenatural, e efeitos santificantes de tais dons na vida da Igreja<sup>70</sup>.

Ainda no período patrístico, vemos que um pensamento comum perpassava os escritos de quase todos os autores: a santidade como pureza de qualquer pecado ou mancha. As obras desse período, somente em raros casos, apresentam expressões como *Ecclesia peccatrix* e *casta meretrix*, frequentemente utilizadas nos períodos mais recentes de nossa história teológica<sup>71</sup>.

Os concílios posteriores a Niceia e Constantinopla receberam a santidade expressa no símbolo sem grandes especificidades. O Magistério posterior se dedicou a reafirmar a fundamental santidade da Igreja, explicando alguns aspectos do tema. Dentre as temáticas tratadas, vemos que “se afirmou a pertença dos cristãos pecadores na Igreja (Concílio de Constanza, contra os husitas), a efetiva realização da missão santificadora da Igreja ao longo do tempo – um dos aspectos de sua indefectibilidade – (Concílio Vaticano I), o efeito da presença dos pecadores na Igreja e a atividade da Igreja para sanar semelhantes efeitos (Concílio Vaticano II)<sup>72</sup>”.

É certo que os Símbolos de fé, ao receberem esta propriedade, qualificam a Igreja precisamente Santa, tal como vemos no símbolo apostólico e no símbolo niceno-constantinopolitano. Ela é denominada comunhão dos santos, referindo-se à sua união a Cristo

<sup>70</sup> DE SALIS, Miguel *in* **Dono e compito**, 2012, p. 188. “La polemica con i montanisti e con gli gnostici è all’origine della comparsa dell’aggettivo “santa” per qualificare la Chiesa nei primi simboli. Il senso dell’addizione del termine era quello di negare l’esistenza di una gerarchia della santità – ristretta – parallela alla gerarchia apostolica. Contro i novaziani e nella discussione sui *lapsi* i Padri hanno dovuto distinguere, senza scollegarle, la santità personale dei cristiani e l’universalità della missione santificatrice della Chiesa: essa è stata inviata a salvare tutti e non c’è altro mezzo di salvezza. Perciò, chi peccava e si pentiva, poteva essere riammesso alla comunione con la penitenza congruente. La presenza del penitente non intaccava la santità della Chiesa. Nella polemica contro i donatisti, i Padri hanno descritto l’offerta salvifica di Dio nei sacramenti, indipendentemente dalla santità dei ministri. Chi battezza è Cristo e non un ministro determinato. Gli effetti salvifici dei sacramenti non dipendono dalla santità del ministro bensì dalla ricezione fruttuosa e libera della grazia che Cristo offre nei sacramenti. Così si delineò la distinzione tra i doni divini offerti tramite i ministri, indipendentemente dalla loro vita soprannaturale, e gli effetti santificanti di tali doni nella vita della Chiesa”. (Tradução nossa).

<sup>71</sup> cf. DE SALIS, Miguel *in* **Dono e compito**, 2012, p. 188.

<sup>72</sup> DE SALIS, Miguel *in* **Diccionario de Ecclesiología**, 2016, p. 1358. “se afirmó la pertenencia de los cristianos pecadores a la Iglesia (Concilio de Constanza, contra los husitas), la efectiva realización de la misión santificadora de la Iglesia a través del tiempo – uno de los aspectos de su indefectibilidad – (Concilio Vaticano I), el efecto de la presencia de los pecadores en la Iglesia y la actividad de la Iglesia para sanar semejantes efectos (Concilio Vaticano II)”. (Tradução nossa).

e aos bens concedidos aos fiéis. O Concílio Vaticano II, ao se dedicar ao estudo da santidade, reconheceu que o pecado dos membros e a separação eclesial incidem na comunhão eclesial, o que acaba por repercutir como ferida na *communio sanctorum*, e que nos dedicaremos a apresentar no capítulo seguinte<sup>73</sup>.

A reforma ou *aggiornamento* da Igreja foi um tema que perpassou tanto o período anterior quanto o mesmo período conciliar. Autores como Rahner buscaram apresentar a necessidade de reforma da Igreja, atrelada ao reconhecimento do pecado em seu seio. O Concílio Vaticano II, surge, pois, com algumas respostas, que auxiliam a dar passos importantes e decisivos:

O primeiro [aspecto] que destacamos foi afirmar ao mesmo tempo que a Igreja é santa e que a santidade da Igreja *in via* é imperfeita. Admitia assim a necessidade de reforma, de renovação e de purificação – não só nos seus membros, mas também na comunidade – até que a Igreja veja a sua plenitude final. Um segundo aspecto interessante é a inserção da tensão escatológica na eclesiologia, que vem da consciência da presença do Senhor glorificado na sua Igreja. [...] Um terceiro aspecto que retém a nossa atenção é a inclusão, no discurso sobre a santidade da Igreja, da ação dos seus membros no mundo. Isso quer dizer que a relação da Igreja com o mundo é incluída dentro do discurso sobre a reforma e a santidade da Igreja<sup>74</sup>.

O pedido de perdão feito a Deus pelo Papa São João Paulo II, na ocasião do Jubileu do ano 2000, serviu como impulso para que essas temáticas fossem melhor desenvolvidas. O então Cardeal Joseph Ratzinger, ao tratar do documento “Memória e reconciliação. A Igreja e as culpas do passado”, na qual esse pedido do Papa era explicado, destacou que a Igreja tem uma viva consciência de que em seu meio encontram-se pecados, e que sempre lutou contra a ideia de uma Igreja unicamente de santos, pois o próprio “Senhor encontra-se no barco com os pecadores desde o início”<sup>75</sup>. Esta barca continua sendo do Senhor, e reconhecer os pecados que se encontram em seu meio é um ato de sinceridade que busca levar os homens do nosso tempo a compreenderem que Ele é maior que todos os pecados, e que nós, enquanto membros da Igreja, não somos os grandes heróis do mundo, mas pessoas de boa vontade que, mesmo envoltas pelo pecado, recebem de Cristo a mensagem que pode provocar a eficácia das forças de reconciliação das quais o mundo necessita em todos os lugares, especialmente os que ainda se encontram em conflito<sup>76</sup>.

<sup>73</sup> cf. DE SALIS, 2013, p. 204.

<sup>74</sup> DE SALIS, 2013, p. 181-182.

<sup>75</sup> RATZINGER, Joseph. **Ser cristão na era neopagã** – volume 3: Entrevistas (1986-2003). Campinas: Ecclesiae, 2016, p. 161.

<sup>76</sup> cf. RATZINGER, 2016, p. 162-163.

## 2 A IGREJA É SANTA E SEMPRE NECESSITADA DE PURIFICAÇÃO

*Ecclesia in proprio sinu peccatores complectens, sancta simul et semper purificanda, poenitentiam et renovationem continuo prosequitur* (LG, 8).

Diante de tudo o que vimos no capítulo anterior, tomando as afirmações do Catecismo da Igreja Católica, observamos que a “Igreja [...] é, aos olhos da fé, indefectivelmente santa” (CIgC 823). Nós é que somos pecadores e, portanto, quando pecamos, nosso pecado mancha essa santidade. Quando o homem peca, se afasta da Igreja e do próprio Cristo, e dessa maneira, quando se confessa e se reconcilia com Deus, reconcilia-se também com a sua Igreja, destruindo a barreira que os separava. Mas vale a pena lembrar que um membro nunca pode deixar de pertencer totalmente à Igreja, uma vez que o Batismo confere uma graça indelével que habilita para sempre ao culto de Deus<sup>77</sup>.

É, portanto, por esse motivo que a célebre frase da *Lumen Gentium* foi e continua a ser um grande aviso: “A Igreja é ao mesmo tempo santa, e sempre necessitada de purificação, sem descanso dedica-se à penitência e à renovação” (LG 8). Ela necessita de purificação e penitência para ser santa, essa é a sua estrada, percorrida sempre aos moldes de Jesus, com as renovações que lhe foram necessárias. A Igreja do Senhor procura os pecadores e deseja levá-los a fazerem refeição com o Salvador. Não pode existir fora dessa realidade<sup>78</sup>. No entanto, sabemos que a Igreja deseja que “todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2, 4), e, por isso, é uma luz que, refletindo a luz de Cristo, ilumina todos os homens, anunciando o Evangelho e pedindo a conversão do coração para que todos sejam santos (cf. LG 1).

O grande teólogo suíço Hans Urs Von Balthasar, ao comentar alguns aspectos marcantes da *Lumen Gentium*, nos ensina que é evidente a Igreja não ser interessante para o mundo, e conseqüentemente, não atrair ninguém, se pusesse destaque em si mesma e não em Cristo. Mesmo possuindo uma grande riqueza eclesial, como o Magistério, os Sacramentos e a composição hierárquica, uma pergunta ainda persiste: “como pode a Igreja, com essa estrutura, direi quase apesar dela, ser um único grande gesto que indica a Cristo? A resposta está na *Lumen Gentium*: por intermédio da santidade de todo o povo cristão. Mas será que ela foi compreendida em toda a sua profundidade?<sup>79</sup>”.

<sup>77</sup> cf. COSTA, 2020, p. 232-233.

<sup>78</sup> cf. RATZINGER, Joseph (Bento XVI). **Ser cristão na era neopagã** – volume 2: Discursos e Homilias (2000-2004) e Debates (1993-2000). Campinas: Ecclesiae, 2015, p. 31.

<sup>79</sup> VON BALTHASAR, Hans Urs *apud* SCOLA, 2019, p. 80.

## 2.1 A IMAGEM DO CORPO MÍSTICO DE CRISTO

Ao introduzir o primeiro capítulo desta pesquisa, mencionamos brevemente que várias são as imagens que nos auxiliam a compreender o que é a Igreja, fundada e querida por Jesus Cristo. Dentre essas imagens, destacamos as de “povo de Deus” e “Corpo Místico de Cristo”. Neste tópico, procuraremos aprofundar a segunda imagem, buscando observar as suas incidências sobre o estudo da santidade. Um importante texto que contribuiu para o desenvolvimento da teologia do Corpo místico foi a encíclica *Mystici Corporis* do Papa Pio XII. Seu belo argumento foi desenvolvido e assumido pela Constituição dogmática *Lumen Gentium*, do Concílio Vaticano II.

Ora, para definir e descrever esta verdadeira Igreja de Cristo - que é a santa, católica, apostólica Igreja romana - nada há mais nobre, nem mais excelente, nem mais divino do que o conceito expresso na denominação "corpo místico de Jesus Cristo"; conceito que imediatamente resulta de quanto nas Sagradas Escrituras e dos santos Padres frequentemente se ensina (MC, 13)<sup>80</sup>.

Essa compreensão não pretende substituir ou apagar a noção de Igreja como Povo de Deus, pois esta imagem permanece importante e rica de sentido. Consideramos a afirmação da Igreja como Corpo de Cristo ser muito realista e talvez mais teológica, o que nos fará determo-nos nesta noção<sup>81</sup>. Começemos por uma análise dessa imagem nas Sagradas Escrituras.

A Igreja é o Corpo Místico de Jesus Cristo. Essa afirmação, tendo origem na primeira Carta aos Coríntios e sendo solenemente proclamada na *Lumen Gentium* n. 7, é uma bela imagem eclesial que deve ser compreendida e aplicada devidamente em nossos dias. O texto de 1Cor 12, 12 é claro ao apresentar a unidade que Cristo confere à sua Igreja mesmo em meio à pluralidade de seus membros, tal como o corpo humano, que é um todo diverso em suas partes: “Com efeito, o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo. Assim também acontece com Cristo”. Ele é o princípio de unidade da Igreja, e ela não somente se edifica em torno de Cristo, mas é unificada nele, em seu Corpo, do qual nós, homens, passamos a fazer parte por meio do Batismo (cf. CIgC, 789).

Vemos, pois, que o texto da primeira Coríntios nos apresenta que a Igreja é um só Corpo porque é o próprio Cristo, conduzida à unidade pelo Espírito, com membros diferentes e funções diversas, dependentes entre si. Deus colocou uma ordem entre esses membros, que é

<sup>80</sup> PIO XII. *Carta Encíclica Mystici corporis*. 29/06/1943 in AAS 35, n. 13.

<sup>81</sup> cf. VON BALTHASAR, Hans Urs *apud* SCOLA, 2019, p. 87.



apresentada claramente na sequência da passagem bíblica (cf. 1Cor 12, 27-28), em que são enumerados os apóstolos, profetas e doutores<sup>82</sup>.

Scott Hahn e Curtis Mitch, ao comentarem esta passagem do capítulo 12 de 1Coríntios, nos expõem essa relação entre Igreja e fiéis, o Corpo e os membros. Eles nos ensinam que o Corpo Místico de Cristo, sendo um só Corpo, não é uma metáfora com enfoque organizacional, mas expressa a realidade metafísica dos cristãos, unidos a Cristo pelos Sacramentos. E ainda, para que haja o funcionamento deste Corpo, cada membro deve desempenhar sua função vital e indispensável, pois, assim como no corpo, as diversas partes executam funções diferentes e ainda assim trabalham juntas, também os membros do Corpo de Cristo devem buscar desempenhar bem a tarefa que lhes foi atribuída de, em harmonia, buscar o bem comum<sup>83</sup>.

É importante notar que ao comentar essa passagem, Hahn e Mitch afirmam que São Paulo visualiza o Corpo como a pessoa coletiva de Cristo, ao passo que o exemplo muda nas cartas aos Efésios e aos Colossenses, nas quais Cristo-Cabeça é distinto do seu Corpo, a Igreja. Os autores apresentam que essa diferença se dá devido ao desenvolvimento da imagem por parte de São Paulo, ou mesmo pelo emprego diferenciado das imagens nas outras cartas<sup>84</sup>. Importa saber que, independente do modo que o apóstolo escolheu para se valer dessas imagens, a imagem do Corpo de Cristo na 1Coríntios, e a imagem do Cristo Cabeça em Efésios e Colossenses, se relacionam, e isso nos auxilia a elaborar uma imagem segura da verdadeira Igreja de Cristo.

O texto de Colossenses 1, 18 apresenta que Cristo “É a Cabeça da Igreja, que é o seu Corpo. É o Princípio, o primogênito dos mortos, tendo em tudo a primazia”. Este texto, em nosso estudo, é mais preciso que o texto de Efésios 5, 23, “porque o homem é cabeça da mulher, como Cristo é cabeça da Igreja e o salvador do Corpo”, pois, enquanto o texto de Colossenses, insere-se em um dos hinos cristológicos com o intuito de apresentar o primado de Cristo, o texto de Efésios busca fazer uma analogia entre Cristo e o esposo, em um contexto de apresentação da vida matrimonial.

No comentário à passagem de Colossenses, em que Cristo é apresentado como Cabeça, Scott Hahn e Curtis Mitch declaram que essa é uma “indicação à união de Cristo com a sua Igreja, a qual, como Cabeça, guia e instrui as atividades dos seus membros. Da mesma forma,

---

<sup>82</sup> cf. BOSCH, Jordi Sánchez. **Escritos Paulinos**. Tradução de Alceu Luiz Orso. São Paulo: Ave-Maria, 2002, p. 190.

<sup>83</sup> cf. HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **As Cartas de São Paulo aos Coríntios**: Cadernos de estudo bíblico. Tradução de Alessandra Lass. Campinas-SP: Ecclesiae, 2017, p. 66.

<sup>84</sup> cf. HAHN; MITCH, 2017, p. 67.

a analogia de Paulo pode indicar que a cabeça e o corpo partilham a mesma vida (Rm 12, 5) e que a cada membro do corpo é dada uma tarefa particular para o bem comum”<sup>85</sup>.

O texto da *Lumen Gentium* diz que, sendo a Cabeça deste Corpo, Cristo é a imagem do Deus invisível, e foi por Ele que todas as coisas foram criadas. É o princípio, primogênito dentre os mortos, que com a grandeza de seu poder, rege terra e céu, dando-lhes as riquezas de sua glória. Por esse motivo, todos os membros devem se conformar a Ele, até que Cristo se forme neles. O texto prossegue: “Cristo ama a Igreja como sua esposa, tornando-se o modelo do marido que ama a esposa como ao seu próprio corpo; e a Igreja, por seu lado, está sujeita a Cristo, sua cabeça. ‘Porque nele habita corporalmente toda plenitude da divindade’ (Cl 2, 9), ele enche com os seus dons divinos a Igreja, que é o seu corpo e o seu complemento, para que ela procure e alcance toda a plenitude de Deus” (LG 7).

A imagem do Corpo de Cristo, assumida pela Igreja e profundamente marcante para São Paulo, “deve constituir uma pedra angular da reflexão teológica sobre a Igreja de Cristo”<sup>86</sup>, já que, depois da “mudança de direção” que Paulo vivenciou em Damasco, Cristo lhe revelou que quando ele perseguia os cristãos, ou a Igreja de Cristo, era ao próprio Cristo que ele perseguia. Os textos clássicos sobre a Igreja como corpo de Cristo são todos retirados das Cartas Paulinas, e destacam elementos significativos para a eclesiologia, e que ainda hoje necessitam ser retomados<sup>87</sup>.

Pedro Rodríguez, na sua obra “*La Iglesia: misterio y misión*”, afirma que a passagem de 1Cor 10,17 resume toda esta teologia. Essa imagem, singularmente relevante nas cartas paulinas, ajuda a ver que a Igreja é uma obra e instituição divinas. O Apóstolo provavelmente recebeu essa intuição teológica do seu fulgurante encontro com o Ressuscitado, narrado em At 9, 4<sup>88</sup>.

Ainda a respeito do pensamento do apóstolo Paulo, é importante ressaltar que seu pensamento se fundamenta nos sacramentos, com uma fundamentação eclesiológica pautada pelo Batismo e Eucaristia. “Por meio do Batismo formamos, no único Espírito de Jesus Cristo, o único corpo de Cristo (Rm 12,4s; 1Cor 12,12.27; Gl 3,28). Ainda mais claro é, enfim, 1Cor 10, 17. Segundo esta passagem nós nos tornamos, por meio da participação no único corpo eucarístico de Cristo, o único corpo eclesial de Cristo”<sup>89</sup>.

---

<sup>85</sup> HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **As Cartas de São Paulo aos Filipenses, aos Colossenses e a Filêmon**: Cadernos de estudo bíblico. Tradução de Lucas Cardoso. Campinas-SP: Ecclesiae, 2018, p. 48.

<sup>86</sup> COSTA, 2020, p.195.

<sup>87</sup> cf. COSTA, 2020, p. 190-191.

<sup>88</sup> cf. GOMES, 2015, p. 216-217.

<sup>89</sup> GOMES, 2015, p. 219.

A Igreja é vista, nesta e em outras imagens, como uma obra e uma instituição divina, que permanece n'Ele, por lhe pertencer. Pedro Rodríguez continua seu estudo advertindo que é necessário estar atento para não pensar que tal noção de “Corpo de Cristo” seja algo que faça a vida sobrenatural ser somente uma biologia imanente a ela mesma, e que corra o risco de restringir a eclesiologia à cristologia, desconhecendo a distinção radical que há entre Cristo e a Igreja<sup>90</sup>. Miguel de Salis, ao apresentar alguns aspectos das principais correntes que se dedicaram ao estudo eclesiológico pautada no Corpo místico de Cristo, nos ensina:

As eclesiologias do Corpo místico de Cristo criaram uma consciência maior da importância da relação da Igreja com Cristo, que é fundamento e não só fundador da Igreja. Indicavam, além disso, uma diferença fundamental entre a Igreja e Israel. O Concílio Vaticano II recolheu os frutos dos estudos realizados, equilibrando a imagem do Corpo de Cristo com a de esposa e evitando cuidadosamente as leituras equivocadas da Igreja como “encarnação continuada”. O discurso sobre a santidade da Igreja, que tinha sido reduzido à afirmação da santidade do fundador da Igreja, à existência de membros santos, da consagração batismal e dos milagres, na manualística clássica, se abriu aos novos resultados das eclesiologias do Corpo místico de Cristo. Concretamente, reforçou-se sua dimensão cristológica (com o aumento do espaço dedicado à santidade de Cristo e de seu influxo santificador na Igreja), sua dimensão comunitária (destacando a comunhão dos santos com os cristãos que ainda caminham na terra) e sua dimensão litúrgica (enriquecendo o que já se sabia sobre a consagração batismal com o exercício do sacerdócio cultural em suas variadas dimensões). É uma visão da santidade da Igreja muito mais unitária e espiritual que a anterior<sup>91</sup>.

É notória a influência dessa visão eclesiológica do Corpo Místico de Cristo no enriquecimento do estudo a respeito da santidade da Igreja. Vemos que ela permanece a mesma desde os eventos salvíficos da Paixão e Ressurreição de Jesus, mas a discussão a respeito da Igreja ser o Corpo de Cristo assumiu enfoques muito diferentes durante o seu peregrinar nos séculos. Depois de o Concílio Vaticano II e alguns documentos do Magistério posterior darem um enfoque específico à problemática do pecado e da pertença do pecador na Igreja, Corpo Místico de Cristo, este precisou ser retomado e devidamente explicado, permanecendo sempre

---

<sup>90</sup> cf. GOMES, 2015, p. 218.

<sup>91</sup> DE SALIS, 2013, p. 23. “Las eclesiologías del cuerpo místico de Cristo crearon una conciencia mayor de la importancia de la relación de la Iglesia con Cristo, que es fundamento y no sólo fundador de la Iglesia. Indicaban, además, una diferencia fundamental entre la Iglesia e Israel. El Concilio Vaticano II recogió el fruto de los estudios realizados, equilibrando la imagen de cuerpo de Cristo con la de esposa y evitando cuidadosamente las lecturas equivocadas de la Iglesia como «encarnación continuada». El discurso sobre la santidad de la Iglesia, que había estado reducido a la afirmación de la santidad del fundador de la Iglesia, a la existencia de miembros santos, de la consagración bautismal y de los milagros en la manualística clásica, se abrió a las nuevas aportaciones de las eclesiologías del cuerpo místico de Cristo. Concretamente, se reforzó su dimensión cristológica (com el aumento del espacio dedicado a la santidad de Cristo y de su influjo santificador en la Iglesia), su dimensión comunitaria (subrayando la comunión de los santos con los cristianos que aún caminan en la tierra) y su dimensión litúrgica (enriqueciendo lo que ya se decía sobre la consagración bautismal con el ejercicio del sacerdocio cultural en sus variadas dimensiones). Es una visión de la santidad de la Iglesia mucho más unitaria y espiritual que la anterior”. (Tradução nossa)

atual, já que, embora em seu seio estejam presentes pecadores, a Igreja de Cristo permanece Santa e Imaculada, pois a sua santidade provém da santidade do próprio Cristo Jesus.

## 2.2 A PERTENÇA DOS PECADORES À IGREJA

O homem, quando peca, continua pertencendo ao Corpo Místico de Cristo, continua sendo membro da Igreja? Esta é a pergunta que pretendemos responder neste tópico de nosso trabalho. Ela pode parecer, em um primeiro momento, algo secundário ou sem importância, mas quando olhamos a fundo, observamos que é muito mais complexa do que aparenta, e que precisa ser devidamente estudada para não se incorrer em erro.

A Igreja, desde sempre afirmou com clareza que aqueles que são seus filhos, se pecam, continuam pertencendo a ela. O Catecismo é claro ao afirmar a marca indelével que se recebe no Batismo: “Incorporado em Cristo pelo Batismo, o batizado é configurado com Cristo. O Batismo marca o cristão com um selo espiritual indelével (“*Character*”) da sua pertença a Cristo. Pecado algum apaga esta marca, se bem que possa impedir o Batismo de produzir frutos de salvação. Dado uma vez por todas, o Batismo não pode ser reiterado” (CIgC 1272).

No decurso da história, várias foram as controvérsias que levaram ao confronto entre santidade e pertença dos pecadores à Igreja. Dentre essas controvérsias, destacamos o erro hussita e o protestantismo. Os hussitas, seguidores de uma doutrina religiosa que afirmavam não haver influência das boas obras para a salvação, acreditavam que a regra de pertença à Igreja era a predestinação. Essa visão não levava em conta a economia da salvação, e para responder-lhe corretamente, não se pode confundir, nem convém, separar o sentido de pertença à Igreja *in via* com o sentido de pertença *in patria*. O frequente olhar para a relação dos fiéis com Deus na escolástica pós-hussita, desde uma existência de relação de amor, não prestava muita atenção ao modo como isto se dava: “A Igreja via-se então e inclusivamente antes como *congregatio fidelium*. Esta ideia da Igreja não dava muito espaço à escolástica pós-hussita para poder distinguir o fiel em graça (*in via*) e o fiel na glória (*in patria*): via-os unidos a Deus e na mesma Igreja. Portanto, era frequente que não se tratasse da diferença entre a pertença à Igreja dos membros em graça e na glória”<sup>92</sup>.

No entanto, alguns tratados da época da polémica hussita, tal como o *Tractatus De Ecclesia* de Iohannes S. de Ragusa e a *Summa de Ecclesia* de Juan de Torquemada<sup>93</sup>, ao

<sup>92</sup> DE SALIS, 2013, p. 358.

<sup>93</sup> Miguel de Salis, em sua obra “Concidadãos dos santos e membros da família de Deus”, nos apresenta uma visão geral dessas obras, com suas principais características (cf. DE SALIS, 2013, p. 33-50).

buscarem rebater esse erro, faziam uma diferenciação entre a Igreja *in via* e *in patria*, segundo a qual, à primeira pertenciam os membros pecadores e santos, enquanto na segunda somente os membros santos. Essa distinção evidencia que dentro da Igreja havia pelo menos dois tipos de pertença, a dos pecadores e a dos santos, o que impossibilitava defini-la somente de forma espiritual, sendo necessário observar um caráter visível<sup>94</sup>.

Esses teólogos que buscaram responder à problemática hussita acabaram por distinguir o regime *in via* do regime *in patria*, para a santidade da Igreja e para a natureza de pertença dos membros, por meio da qual os pecadores pertenciam à Igreja em uma situação que não se podia comparar aos membros em graça, ao passo que estes, também não podiam ser comparados com a presença *in patria*, o que os hussitas tentaram aplicar em totalidade<sup>95</sup>.

Ainda a esse respeito, o grande teólogo francês Yves Congar nos explica: “Certamente existem graus na qualidade de membro, e unicamente os que vivem em caridade estão *perfecte et proprie* incorporados; porém, contra os hussitas e Agostinho Favaroni, define Torquemada a pertença elementar à Igreja *ab externis*, pelos elementos exteriores: ‘os que permanecem na fé e na obediência à Sé apostólica’, ‘*qui in fide et oboedientia Apostolicae Sedis perseverant*’”<sup>96</sup>.

Passando brevemente à problemática com os protestantes, vemos que nos primórdios da ruptura não havia disputa ou estudo sobre a pertença dos pecadores à Igreja, pois essa se via como óbvia. O primeiro embate com os protestantes se deu na tentativa de afirmar simultaneamente a santidade da Igreja e a pertença dos pecadores a ela, por meio da diferença entre santidades da Igreja, feitas com base nos seus membros já santos ou em vias de purificação. Um segundo embate surgiu da questão a respeito de qual é a verdadeira Igreja, o que acabou por provocar uma destruição da ideia da santidade da Igreja, vinda do período medieval<sup>97</sup>.

O estudo prossegue nos séculos posteriores, e acaba por não definir a pertença à Igreja por meio da santidade. Ao contrário, a santidade era vista como fruto da pertença à Igreja, algo visível e determinável, uma santidade vindoura, recebida se houvesse uma resposta do homem ao chamado de Deus. O sentido de pertença à Igreja foi, cada vez mais, passando a ser uma condição determinada e visível para chegar à santidade, acentuada pela noção do *extra*

<sup>94</sup> cf. DE SALIS, 2013, p. 359.

<sup>95</sup> cf. DE SALIS, 2013, p. 360.

<sup>96</sup> Congar, 1976: 210 *apud* DE SALIS, 2013, p. 360, nota 6. “Ciertamente existen grados en la cualidade de membro, y unicamente los que viven en caridad están *perfecte et proprie* incorporados; pero, contra los husitas y Agustín Favaroni (nt), define Torquemada la pertenencia elemental a la Iglesia *ab externis*, por los elementos exteriores: ‘los que permanecen la fe y la obediencia a la Sede apostólica’, ‘*qui in fide et obediencia Apostolicae Sedis perseverant*’ (Nova ordinatio Decreti). Note-se o ‘perseverant’. Nessa palavra indica-se a diferença entre o regime *in via* e o regime *in patria*”. (Tradução nossa. Nota completa, com breve comentário do autor).

<sup>97</sup> DE SALIS, 2013, p. 360-361.

*ecclesiam nulla salus*. O discurso teológico dos séculos XIX e XX acabaram por reintroduzir a caridade como vínculo de comunhão dos santos, o que permitiu que aqueles que não estão em plena comunhão com a Igreja de Cristo, especialmente os protestantes, pudessem ter uma visão mais positiva, embora ainda não resolve a questão dos membros pecadores na Igreja<sup>98</sup>.

Retomando a problemática sobre a qual nos perguntamos quem de fato é membro da Igreja, podemos nos valer de uma apreciação bastante rica do então Cardeal Joseph Ratzinger, em sua obra “O novo povo de Deus”. No segundo capítulo da segunda parte da obra, intitulado “O conceito de Igreja e a participação na Igreja”, Ratzinger se debruça sobre essa problemática, esclarecendo que sua resposta passa por duas correntes, uma canônica e outra dogmático-apologética. A primeira corrente, apoiada no cân. 87 do Código de Direito Canônico, diz que todo batizado deve ser considerado membro da Igreja. A segunda corrente apresenta que somente aqueles que se unem à Igreja, por adesão de fé, recepção dos sacramentos e submissão à hierarquia, e que não esteja excomungado, é membro da Igreja. Esta segunda vertente acaba por levantar o problema da pertença dos cristãos não-católicos; para isso a solução se dá na distinção entre realidade e desejo, sendo os católicos aqueles que são de fato membros, e os demais somente o são por desejo<sup>99</sup>.

O cardeal Ratzinger prossegue seu texto apresentando que esse segundo modo de ver a pertença à Igreja acaba por encontrar objeções, como a atribuição de um desejo de salvação que os cristãos não-católicos não alimentam conscientemente e que pode muito bem ser atribuído também aos pagãos, e que reduz a salvação a um fator subjetivo de desejo que não pode ser constatável facilmente. É importante salientar ainda que as duas correntes se sustentam na ideia de comunhão. A primeira, voltada ao Direito Canônico, afirma a pertença de todos os batizados à Igreja, mas isso lhes traz responsabilidades, visto que um cristão não existe de maneira isolada, o que lhe corresponde pertencer ao Corpo total, à Igreja de Cristo totalmente. Já a segunda corrente, neste mesmo viés, afirma a pertença à Igreja como estar em comunhão com o Corpo do Senhor<sup>100</sup>. Para finalizar essa temática, cabe-nos apresentar na íntegra aquilo que Ratzinger diz em seu texto:

A Igreja não pode e não deve abandonar aqueles que vivem separados dela e ela também tem de aprender a respeitar a seriedade de muitos cristãos não-católicos. Deve-se concluir, pois, que há diversos modos de pertencer à Igreja e que todo aquele que é batizado faz parte da Igreja. Por outro lado, têm razão aqueles que afirmam que o conceito de membro imperfeito é contraditório. Também não é necessário que sejam explicados os diversos modos de pertencer à Igreja. O que importa, realmente, é

<sup>98</sup> cf. DE SALIS, 2013, p. 362.

<sup>99</sup> cf. RATZINGER, Joseph. **O novo Povo de Deus**, 2ª edição. São Paulo: Molokai, 2019, p. 137.

<sup>100</sup> cf. RATZINGER, 2019, p. 138.

reconhecer a vivência cristã dos irmãos separados e, ao mesmo tempo, não querer ocultar a ferida da Igreja, que é a sua própria divisão<sup>101</sup>.

Resta ainda tratar da pertença dos pecadores à Igreja mediante as contribuições do Concílio Vaticano II. O Concílio buscou responder a essa questão no tempo, entendida com fidelidade. A salvação só pode ser alcançada com a perseverança, como podemos ver no seguinte trecho da *Lumen Gentium*: “Não se salvam, porém, os que, embora incorporados na Igreja, não perseveram na caridade, e por isso pertencem ao seio da Igreja não pelo ‘coração’ mas tão-somente pelo ‘corpo’” (LG 14).

Essa percepção conciliar serviu para que se resolvesse a seguinte questão: Se é certo que os pecadores pertencem à Igreja, em que medida eles afetam a santidade da Igreja? Vários foram os teólogos que se debruçaram sobre a temática, como Charles Journet e Karl Rahner. Para eles, a pertença dos membros tem importância na santidade da Igreja. Eles comungam de uma ideia de que o pecado debilita a pertença à Igreja, cada um a seu modo, mas em ambos sem a consideração do tempo, retomada pelo Vaticano II, noção perdida após a ruptura protestante. A visão de Rahner, principalmente, favoreceu a afirmação de uma “Igreja pecadora”, noção problemática sobre a qual nos debruçaremos ainda neste capítulo<sup>102</sup>. Vejamos esta contribuição de Miguel de Salis para a nossa discussão acerca da pertença dos pecadores e a sua influência na Igreja e em outros membros:

A partir deste ponto de vista, é possível entender que: a) membros mais afastados possam causar escândalo, devido à sua infidelidade, e assim influenciar negativamente os irmãos; b) os membros mais santos despertem elevação e desejos de conversão e santidade à sua volta; c) uns e outros convivem e relacionam-se de forma não totalmente tipificável, de tal forma que aquele que num determinado momento foi ajudado, pode num momento sucessivo vir a ajudar aquele que primeiramente o tinha socorrido; d) a santidade da Igreja *in via* admite falar de uma influência dos membros uns nos outros que nem sempre é positiva, sem pôr em cheque a santidade da Igreja. Admite falar de uma influência naqueles que não são cristãos que os avizinhe ou os afugente dela, sem que por isso a Igreja se considere pecadora. Admite falar da sua eficaz função santificadora sem esquecer ou minimizar o influxo dos pecados dos seus membros na *communio sanctorum*.

Essa visão se pauta na pertença vista no influxo de santidade e pecado. A santidade pessoal é uma parte indispensável da santidade da Igreja, pois favorece o florescimento do instrumento de santidade que é a Igreja, e a manifesta ao mundo. Além disso, o pecado mancha o instrumento de salvação que é a Igreja, e, por isso, faz-se necessário ser santo para não a manchar. No entanto, não podemos ver a santidade da Igreja delimitada nessa dualidade, pois

<sup>101</sup> RATZINGER, 2019, p. 139.

<sup>102</sup> cf. DE SALIS, 2013, p. 363.

“o desígnio de Deus avança através da ação do Espírito Santo de uma forma que não se pode delimitar totalmente e que muitas vezes escapa ao olhar ou surpreende. Por isso, é arriscado tentar definir a santidade da Igreja por meio da santidade daqueles que lhe pertencem, tentando de algum modo circunscrevê-la”<sup>103</sup>. O tempo, caracterizado pela perseverança, foi realmente uma adição do Concílio que favoreceu o estudo teológico. Essa temática nos pode auxiliar a ver qual é a real influência do pecado na santidade da Igreja, seguindo os moldes estabelecidos pelos textos conciliares.

### 2.3 O EFEITO DO PECADO NA IGREJA

Entre os teólogos atuais ainda não é consensual que o pecado afeta a Igreja, e para vários deles há um efeito do pecado ao menos em determinados aspectos da Igreja<sup>104</sup>. Um destes aspectos, que é consenso para praticamente todos, é o obscurecimento do rosto da Igreja, de sua santidade genuína. Um segundo efeito é o ser obstáculo à missão da Igreja: “O pecado pode paralisar de algum modo a vitalidade santificadora da Igreja, tanto no momento em que é cometido como ao longo do tempo”<sup>105</sup>.

Vimos no tópico anterior que há uma relação entre a pertença à Igreja e a salvação, mas que elas não são idênticas. Aqui insere-se o caráter missionário, já que as missões também se relacionam intimamente com a salvação dos homens, e manifestam de maneira singular a missão santificante da Igreja. A esse respeito instrui-nos o Cardeal Ratzinger: “as missões fundam-se especialmente no fato de que a Igreja tem neste mundo uma dinâmica própria e uma tarefa específica a desempenhar. Uma de suas tarefas é a de abrir-se perante todos os homens, manifestando assim, simbolicamente, a hospitalidade de Deus, o qual convidou todos os homens a serem participantes do banquete nupcial preparado por seu Filho”<sup>106</sup>.

Ele prossegue ainda apresentando que a essência do cristianismo é a união e o encontro com todos os homens, mesmo que ainda dispersos no mundo. Pentecostes é a grande imagem que manifesta essa essência, sinal que foi capaz de unir tudo o que estava disperso em uma única presença do fogo do amor divino. Diante disso, vemos que é por meio das missões que se apresenta a unidade da Igreja, vê-se claramente o que é a Igreja. O pecado é um mistério de separação e dilaceração, sua essência é o egoísmo, dividindo a humanidade em frações egoístas, sem relacionamentos. Sua imagem é a Babilônia, totalmente oposta à unidade de Pentecostes,

---

<sup>103</sup> DE SALIS, 2013, p. 364.

<sup>104</sup> DE SALIS, 2013, p. 365.

<sup>105</sup> DE SALIS, 2013, p. 366.

<sup>106</sup> RATZINGER, 2019, p. 140.



onde havia confusão de línguas. O pecado, pois, impede essa ação da Igreja, de readquirir a unidade, integridade e santidade da humanidade<sup>107</sup>.

O pecado obscurece a caridade de todos, fere a comunhão dos santos *in via*, a comunhão eclesial dos membros do Corpo Místico de Cristo. Sem a caridade não pode haver essa unidade e integridade, pois:

“a caridade é o caminho mais excelente” (1Cor 12,31): ela me faz amar a Igreja, ou a comunidade em que vivo, e, na unidade, todos os carismas, e não apenas alguns, são meus. E há mais: se amas a unidade mais do que eu a amo, o carisma que eu possuo é mais teu do que meu. Suponhamos que eu tenho o carisma de evangelizar; eu posso me comprazer ou me vangloriar dele, e assim me torno “um címbalo que retine” (1Cor, 13,1); meu carisma “de nada me aproveita”, ao passo que o ouvinte não deixa de se beneficiar, apesar do meu pecado. A caridade multiplica realmente os dons; ela faz carisma de um o carisma de todos<sup>108</sup>.

Outro texto de bastante destaque nesta temática é o documento da Comissão Teológica Internacional, “Memória e reconciliação: A Igreja e as culpas do passado”, publicado no ano 2000, que acrescenta uma consideração a respeito do efeito do pecado na Igreja ao longo do tempo. O pedido de perdão feito a Deus pelo Papa João Paulo II pelos erros cometidos pelos cristãos ao longo da história foi devidamente explicado pelo Cardeal Joseph Ratzinger, à época, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Ele nos diz que este pedido de perdão não tem o intuito de condenar a Igreja do passado, mas sim o de manifestar o seu conhecimento das raízes das deficiências do passado, chamando à conversão e ao arrependimento. E ainda manifesta a consciência da presença do pecado em seu meio<sup>109</sup>.

A consciência do pecado e o pedido de perdão sempre se devem manifestar de maneira pessoal. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II é bastante esclarecedora a esse respeito: “Ainda que a Igreja, pela virtude do Espírito Santo, se tenha mantido esposa fiel do seu Senhor e nunca tenha deixado de ser um sinal de salvação no mundo, no entanto, ela não ignora que entre os seus membros, clérigos ou leigos, não faltaram, no decurso de tantos séculos, alguns que foram infiéis ao Espírito de Deus” (GS, 43)<sup>110</sup>. Ela tem consciência que ainda há diversos impedimentos para que a sua mensagem salvífica chegue a todos justamente por causa da fraqueza humana. É essencial, pois, que o pedido de perdão seja pronunciado em primeira pessoa, pois somente a conversão pessoal e o reconhecimento de

<sup>107</sup> cf. RATZINGER, 2019, p. 141.

<sup>108</sup> CANTALAMESSA, Raniero. **Nos ombros de gigantes**: As grandes verdades da fé meditadas e vividas com os Padres da Igreja. São Paulo: Edições Loyola, 2016, p. 69.

<sup>109</sup> cf. RATZINGER, 2016, p. 161.

<sup>110</sup> **Constituição pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual** in DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997.

culpabilidade podem dissolver a perda do sentido de responsabilidade, favorecida por certo ocultamento da individualidade, na coletividade<sup>111</sup>.

O texto da Comissão Teológica Internacional busca reconhecer todas aquelas vezes em que, nas mais diversas circunstâncias, houve por parte dos homens um afastamento do espírito de Cristo e do seu Evangelho, provocando escândalo e não um bom testemunho como deveriam dar:

“Embora sendo santa pela sua incorporação a Cristo, a Igreja não se cansa de fazer penitência: ela reconhece sempre como próprios, diante de Deus e dos homens, os filhos pecadores”. Estas palavras de João Paulo II sublinham como a Igreja é tocada pelo pecado dos seus filhos: santa, enquanto tornada tal pelo Pai mediante o sacrifício do Filho e o dom do Espírito, ela é de certo modo também pecadora, porquanto assume realmente em si o pecado daqueles que ela própria gerou no batismo, tal como Jesus Cristo assumiu o pecado do mundo. Pertence, aliás, à mais profunda autoconsciência eclesial existindo no tempo, a convicção de que a Igreja não é só uma comunidade de eleitos mas tem no seu seio os justos e os pecadores do presente, assim como os do passado, na unidade do mistério que a constitui (MeR, 3)<sup>112</sup>.

Apesar deste reconhecimento do pecado, um paradoxo – santidade e pecado – que deve ser compreendido de forma satisfatória, é evidente que a Igreja de Cristo permanece imaculada. “Devemos confessar que a Igreja (e para mim este é o sinal decisivo) permaneceu sempre como a Igreja dos mártires (portanto os mártires são a verdadeira apologia da Igreja), apesar dos pecados que conhecemos todos. A Igreja permaneceu unida ao Senhor crucificado”<sup>113</sup>. No entanto, é necessário que todos os membros da Igreja se reconheçam pecadores, sejam eles ministros ordenados, religiosos ou fiéis leigos, pois a Igreja reúne sempre estes homens e mulheres, que enquanto pecadores, são alcançados pela salvação de Cristo, mesmo que ainda estejam em caminho de santificação (cf. CIgC, 827).

A necessidade da contínua renovação ou purificação se justifica pela presença do pecado, pois “embora revestidos da veste batismal, nós não cessamos de pecar, de desviar-nos de Deus” (CIgC, 2838), o que faz com que a santidade aparente da Igreja seja verdadeira, porém, imperfeita, encontrando a sua plenitude somente na pátria eterna. Por meio da confissão dos pecados dos seus filhos, a Igreja confessa sua fé em Deus, celebrando a infinita bondade e capacidade de perdão de Deus. Se o pecado de um indivíduo influencia nos outros, necessitando

<sup>111</sup> cf. RATZINGER, Joseph; MESSORI, Vittorio. **A fé em crise? O Cardeal Ratzinger se interroga**. São Paulo: Editora pedagógica e universitária, 1985, p. 33.

<sup>112</sup> COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Memória e reconciliação: A Igreja e as culpas do passado**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

<sup>113</sup> RATZINGER, 2016, p. 165.

de purificação, muito maior é a eficácia do bem e da santidade de um membro, que por meio de sua vida influencia para o bem aqueles que lhe são próximos (MeR, 3.3).

Ainda neste sentido, vemos que a inserção do adjetivo “santa” na Profissão de fé é um meio de evidenciar justamente a missão santificante da Igreja em meio aos pecadores. A santidade aqui apresentada não se refere aos homens, aos membros dessa Igreja, que seriam sem pecados. Ao contrário, “a santidade da Igreja consiste naquele poder de santificação que Deus exerce nela apesar da pecaminosidade humana”<sup>114</sup>.

Em meio a essas afirmações, como devemos responder à realidade do pecado na Igreja? Vemos que a resposta não precisa ser negativa, olhando sempre para os erros, para sua santidade apesar dos pecados. A melhor resposta parece ser a que olha para os frutos, para as virtudes vividas, pois o próprio Senhor disse: “pelos seus frutos, os conhecerão” (cf. Lc 6,43)<sup>115</sup>.

O ponto de vista a partir do qual se considera o pecado na Igreja faz toda diferença no estudo. São John Henry Newman, por exemplo, acreditava ser necessário um preconceito positivo da Igreja para evitar a possibilidade de qualquer escândalo, ou seja, uma maneira de se propagar a essência e a santidade da Igreja, para que ao se deparar com um escândalo, o homem não se veja propenso a acreditar somente que há pecados e maldade na Igreja, mas saiba que ela é antes de tudo Santa, e apesar de alguns membros pecadores, possui também vários santos. Neste mundo cada vez mais propenso a ver na Igreja estruturas de pecado ou mesmo pecados com certa aceitação, faz-se necessário estabelecer este preconceito positivo, pautado na santidade e exemplo dos membros que, como já vimos, contribuí para a missão santificante da Igreja<sup>116</sup>.

Por vezes, os preconceitos negativos, oriundos de escândalos, acabam por levar à afirmação de uma Igreja simultaneamente santa e pecadora. Esta ideia é absurda, visto que são os membros da Igreja que pecam, e com isso obscurecem a santidade da Igreja. Um membro, quando peca, vai se afastando de Deus e se separando da Igreja, de forma proporcional ao seu pecado. Certamente não há uma separação total, pois pelo Batismo todos são incorporados à Igreja e habilitados para o culto de Deus para sempre. Por meio da reconciliação, qualquer membro que tiver pecado, pode desfazer a barreira que havia sido construída entre ele e a Igreja. Por isso mesmo, o sacramento da Reconciliação tem também uma dimensão eclesial<sup>117</sup>.

---

<sup>114</sup> RATZINGER, 2015, p. 251.

<sup>115</sup> cf. DE SALIS, 2013, p. 369 (Nota nº 14).

<sup>116</sup> cf. DE SALIS, 2013, p. 371-372.

<sup>117</sup> cf. COSTA, 2020, p. 232-233.

Mesmo que em diversas situações parece haver uma possibilidade ou uma ocasião para pecar, o homem pode chegar a descobrir, com a ajuda de Deus e de sua Igreja, que este caminho não deve ser trilhado. Ela ajuda os homens a verem as coisas de maneira clara, a ver que a pertença a ela é querida por Deus, pois sua missão é dar todas as condições de santificação aos homens<sup>118</sup>.

Essa santidade, recorda-nos o Papa Bento XVI, não é algo exclusivo, recompensa ou luxo de poucos, é bem mais o destino comum de todos os homens, por seu chamado universal à santidade, por serem chamados a ser filhos de Deus pelo Batismo. Para ser santo não é necessário ter carismas extraordinários; basta ter em conta o exemplo e testemunho de comunhão com Deus por parte de tantos homens e mulheres normais, que vivem a santidade em seu dia a dia<sup>119</sup>.

Para concluir este nosso capítulo, propomos como reflexão as palavras de São Paulo VI em seu “Credo do Povo de Deus”:

Por conseguinte, ela é santa, apesar de incluir pecadores no seu seio; pois em si mesma não goza de outra vida senão a vida da graça. Se realmente seus membros se alimentam dessa vida, se santificam, se dela se afastam, contraem pecados e impurezas espirituais que impedem o brilho e a difusão de sua santidade. É por isso que ela sofre e faz penitência por esses pecados, tendo o poder de livrar deles seus filhos, pelo Sangue de Cristo e pelo dom do Espírito Santo<sup>120</sup>.

A santidade não consiste na perfeição dos membros da Igreja. Pelo contrário, vemos que os Santos não são aqueles que não possuem e nunca possuíram nenhum pecado, mas aqueles que, reconhecendo-se pecadores, souberam erguer-se depois de terem caído no pecado, e buscaram em tudo conformar-se a Cristo e sua Igreja, Santa e imaculada por sua fundação e por seu fundador, mas penitente por causa e para a salvação de seus filhos.

---

<sup>118</sup> cf. DE SALIS, p. 379.

<sup>119</sup> cf. BENTO XVI. **A Santidade. Audiência geral.** 20 de agosto de 2008. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20080820.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080820.html). Acesso em 27/10/2023.

<sup>120</sup> PAULO VI, 2014, p. 21.

### 3 A IGREJA É SANTA E SANTIFICA

*“Ele prometeu permanecer na terra num Corpo Místico, que é a Igreja. E é por meio desse Corpo Místico que a sua voz se faz ouvir exteriormente e com autoridade”.*<sup>121</sup>

A Igreja é Santa, e no percurso deste trabalho já pudemos observar que sua santidade é indiscutível, mesmo com a presença de pecadores em seu meio. Veremos neste terceiro capítulo que a Igreja também possui uma ação santificante no mundo e na obra da Redenção de Cristo Salvador. Como nos apresenta o *Catecismo da Igreja Católica*, “a Igreja, unida a Cristo, é santificada por Ele; por Ele e n’Ele torna-se também santificante. Todas as obras da Igreja tendem, como seu fim, ‘à santificação dos homens em Cristo e à glorificação de Deus’. É na Igreja que está depositada ‘a plenitude dos meios de salvação’. ‘É nela que adquirimos a santidade pela graça de Deus’” (CIgC, 824). O artigo do Símbolo “‘Creio na Santa Igreja Católica’ não se refere em primeiro lugar à santidade dos seus membros”<sup>122</sup>; apesar disso, os membros também possuem um papel importante na santificação de todos os homens, e nós o veremos juntamente com a ação santificadora da Igreja de Jesus Cristo no mundo.

#### 3.1 A IGREJA SANTIFICA

A Igreja santifica por causa da ação de Cristo nela e por ela; ela santifica por meio de suas ações, por meio do cumprimento de sua missão. Esta ação se configura como a ação que a “*communio fidelium in via* realiza: o seu viver e caminhar, composto de muitas vidas pessoais, unidas entre si e a Cristo no vínculo do Espírito Santo enviado, e que sob a guia dos pastores celebram os mistérios da vida do seu Senhor e realizam a missão que Ele lhes confiou”<sup>123</sup>.

Esta missão inclui a recapitulação do mundo em Cristo, mediante a centralidade da transmissão do Evangelho na vida desta *communio fidelium*<sup>124</sup>. A recapitulação abarca a Igreja como extensão da plenitude de Cristo, “pois ela é o Corpo místico de Cristo e a Esposa do Cristo e a plenitude do Cristo, e que ela vive dele e de sua graça”<sup>125</sup>. A esse respeito, o apóstolo Paulo nos ensina que essa recapitulação serve “para levar o tempo à sua plenitude: a de em Cristo encabeçar todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra” (Ef 1,10).

<sup>121</sup> BENSON, Robert Hugh. **A amizade com Cristo**. Trad. Américo da Gama. 3.Ed. São Paulo: Quadrante, 2017, p. 63.

<sup>122</sup> COSTA, 2020, p. 234.

<sup>123</sup> DE SALIS, 2013, p. 382.

<sup>124</sup> cf. DE SALIS, 2013, p. 382.

<sup>125</sup> MARITAIN, Jacques. **A Igreja de Cristo: a pessoa da Igreja e seu pessoal**. São Paulo: Editora Agir, 1972, p. 21.

Ressaltamos que essa transmissão evangélica não abarca a totalidade da missão da Igreja, quando falamos do anúncio da Palavra propriamente dito. A transmissão do Evangelho se dá também pelos sacramentos, sobretudo a Eucaristia, centro e ápice da vida cristã e de todos os mistérios da Igreja. Há ainda um modo de transmissão que se dá pelos exemplos de vida, pelo testemunho de convivência familiar, escolar, paroquial, e no trabalho<sup>126</sup>. O Papa Bento XVI, numa celebração penitencial em preparação à Jornada Mundial da Juventude, quis ressaltar este aspecto da transmissão do Evangelho por meio da vida cotidiana:

Queridos jovens, esta cidade de Roma está nas vossas mãos. A vós compete a tarefa de a tornar mais bonita, inclusive espiritualmente, com o vosso testemunho de vida vivida na graça de Deus e na ausência do pecado, aderindo a tudo o que o Espírito Santo vos chama a ser, na Igreja e no mundo. Tornareis visível assim a graça da misericórdia superabundante de Cristo, que brotou do seu lado trespassado por nós na cruz. O Senhor Jesus nos lava dos pecados, nos cura das nossas culpas e nos fortalece para não sucumbirmos na luta contra o pecado e no testemunho do seu amor<sup>127</sup>.

Em outro momento, ele nos recorda a urgência da missão e a necessidade do testemunho da fé nos dias de hoje: “São precisos jovens que deixem arder dentro de si o amor a Deus e respondam generosamente ao seu apelo urgente, como fizeram muitos jovens Bem-aventurados e Santos do passado e inclusive de épocas mais próximas a nós. Em particular, asseguro-vos que o Espírito de Jesus hoje vos convida, jovens, a serdes portadores da Boa Nova de Jesus aos vossos coetâneos”, e ainda exorta: “Estai prontos a pôr em jogo a vossa vida, para iluminar o mundo com a verdade de Cristo; para responder com amor ao ódio e ao desprezo pela vida; e para proclamar em todos os cantos da terra a esperança de Cristo ressuscitado”<sup>128</sup>.

É notório quando uma região, cidade ou até mesmo um país vivem a fé. O seu agir manifesta a sua fé. A Igreja, enquanto comunhão dos fiéis *in via*, não se manifesta somente pelo anúncio da Palavra e pelos sacramentos, como já dissemos, mas também por meio de tudo aquilo que estes irmãos fazem, seja vivendo a sua vida familiar, profissional, social, buscando entretenimentos, tudo isto se dá se estes se mantêm fiéis ao Senhor e à missão que Ele confiou a todos os homens de serem “luz do mundo” (Mt 5,14)<sup>129</sup>.

<sup>126</sup> cf. DE SALIS, 2013, p. 383.

<sup>127</sup> BENTO XVI. **Celebração Penitencial com os jovens da diocese de Roma em preparação para a XXIII Jornada Mundial da Juventude** (13/03/2008). Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20080313\\_penance-youth.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080313_penance-youth.html). Acesso em 11/11/2023.

<sup>128</sup> BENTO XVI. **Mensagem do Papa Bento XVI para a XXIII Jornada Mundial da Juventude** (20/07/2007). Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/youth/documents/hf\\_ben\\_xvi\\_mes\\_20070720\\_youth.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/youth/documents/hf_ben_xvi_mes_20070720_youth.html). Acesso em 11/11/2023.

<sup>129</sup> cf. DE SALIS, 2013, p. 383-384.

A vida de um cristão se deve configurar como autêntica transmissão da fé, e assim, ser transformada em legítima experiência missionária, pela qual se faz o primeiro anúncio do Evangelho, suscitando a fé naqueles que ainda não a possuem. Essa transmissão, aliada ao testemunho dos fiéis, deve favorecer o aprofundamento da vida cristã cada vez que se realiza um dos sacramentos da iniciação e a conseqüente entrada do neófito na vida eclesial (cf. CIgC, 6).

É do amor de Deus por todos os homens que a Igreja sempre tirou a obrigação e a força de seu elã missionário: “Pois o amor de Cristo nos impele...” (2Cor 5,14). Com efeito, “Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4). Deus quer a salvação de todos pelo conhecimento da verdade. A salvação está na verdade. Os que obedecem à moção do Espírito de verdade já estão no caminho da salvação; mas a Igreja, a quem esta verdade foi confiada, deve ir ao encontro de seu anseio, levando-lhes a mesma verdade. Ela tem de ser missionária porque crê no projeto universal de salvação (CIgC, 851).

É Jesus Cristo a verdade que ilumina todos os seres humanos. O anúncio do Evangelho é parte constituinte da missão mesma da Igreja, de cumprir o mandato do Senhor de a todos conduzir ao pleno conhecimento da verdade e da fé, chegando à salvação. Os que se afastam da verdade, manifestam que não compreenderam efetivamente o primeiro anúncio recebido, visto que, como nos apresenta o Papa Francisco em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, esse anúncio “deve desencadear também um caminho de formação e de amadurecimento” (EG, 160)<sup>130</sup>. A evangelização, ao se manifestar também na vida própria de cada ser humano, deve conduzir a uma profunda relação com Cristo, cada vez mais conhecido e compreendido como motivo de nosso viver, chegando até mesmo a deixar que todos os atos de suas vidas sejam conduzidos por Cristo.

O Papa Francisco, em sua Exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*, nos ensina que esta missão deve ser realizada com uma entrega por inteiro, de cada um a Cristo, dando o melhor de si (cf. GeE 25)<sup>131</sup>. Ele elucida neste texto que a dedicação ao mundo não deve ser entendida sempre na ótica da distração para com as obras de Deus, ou como uma distração no caminho de santificação, mas sim como um modo de encontrar uma espiritualidade capaz de se identificar cada vez mais a Jesus Cristo, nas próprias atividades e encontros do cotidiano, pois “somos chamados a viver a contemplação mesmo no meio da ação, e a santificar-nos no exercício responsável e generoso da nossa missão” (GeE 26).

<sup>130</sup> FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

<sup>131</sup> FRANCISCO. Exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*: Sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018.

A esse respeito, faz-se necessário ressaltar aquilo que Miguel De Salis afirma em sua pesquisa: “A maioria das coisas que aprendemos, também no que respeita ao viver em Cristo, vem por imitação e por observação, por convívio na *familia Dei* que é a Igreja, às vezes com perguntas e respostas não necessariamente dirigidas aos pastores e sim aos simples cristãos”<sup>132</sup>. Cada fiel possui um papel santificador, à medida em que se deixa moldar por Cristo e se dispõe a realizar as suas ações com as devidas disposições. “O crescimento do cristão em santidade, ao realizar as diferentes ações santificadoras, leva toda a Igreja a um crescimento de santidade”<sup>133</sup>. Tudo isso favorece a própria santificação de quem a realiza, ajuda os irmãos pelo exemplo e auxilia a santificação da Igreja na Terra por meio da vivência segundo os desígnios do Espírito Santo. “Cada cristão, quanto mais se santifica, tanto mais fecundo se torna para o mundo” (GeE 33).

Como frisamos acima, toda essa ação não se dá somente pelos sacramentos; é por meio deles que o homem se associa mais plenamente a Cristo, principalmente por meio do Sacramento da Eucaristia, que é o maior ato de louvor e glória a Deus realizado pela Igreja, na qual ela é renovada e santificada. Esse Diviníssimo Sacramento, juntamente com os Sacramentos do Batismo e da Confirmação, possui um valor permanente na ação santificadora da Igreja, e constitui sempre a raiz viva e operante por meio da qual a Igreja colabora na santificação operada por Deus e participa de Sua vida divina<sup>134</sup>.

Vemos que “o homem que nasce para Cristo na Igreja *recebe*, nessa *familia Dei*, os dons da vida de Cristo nos sacramentos, na pregação, nos modos pastorais, na vida cristã vivida no contexto concreto do tempo e do espaço em que ele entra na família de Deus”<sup>135</sup>, e tudo isso se dá como dom, que deve ser transmitido às futuras gerações, distinguindo-se uns dos outros, pois os dons não são os mesmos para todos, e embora o caráter batismal, a piedade de um ministro na celebração Eucarística, e a correta vivência de uma profissão no cotidiano de um cristão sejam atos que santificam a Igreja, cada uma delas não se dá da mesma maneira.

Por tal motivo, faz-se indispensável observar qual é o papel do agente da missão santificadora e compreender a importância das disposições pessoais para a missão de santificação da vida e o modo como os cristãos colocam à disposição as virtudes recebidas<sup>136</sup>.

A Igreja pede para todos os seus filhos a santidade de vida para poderem realizar bem a missão que lhe foi confiada por Jesus. Os textos posteriores ao Concílio Vaticano II “insistem

---

<sup>132</sup> DE SALIS, 2013, p. 387.

<sup>133</sup> DE SALIS, 2013, p. 387.

<sup>134</sup> cf. DE SALIS, 2013, p. 385.

<sup>135</sup> DE SALIS, 2013, p. 388. (Grifos do autor).

<sup>136</sup> cf. DE SALIS, 2013, p. 389.



na santidade de vida como condição prévia para que todos, bispos, sacerdotes, religiosos, missionários, leigos, etc., possam realizar a missão que têm atribuída por Deus e para que essa missão tenha fruto”<sup>137</sup>.

Ressaltamos que na vida dos leigos essa missão se configura como ação de Cristo como testemunha do Pai no mundo por meio deles, chamados a serem luz no mundo em suas atividades cotidianas. Vemos isso claramente no seguinte trecho da *Lumen Gentium*: “Jesus Cristo, sumo e eterno Sacerdote, querendo continuar também por meio dos leigos o seu testemunho e o seu ministério, vivifica-os com o seu Espírito e impele-os constantemente a toda obra boa e perfeita” (LG 34).

Observamos que essas passagens nos indicam que não se pode falar da santificação da Igreja sem levar em conta o agente desta missão, que não pode ser entendido somente como um instrumento capacitado por Deus. As ações desses agentes possuem uma importância nesta santificação e enriquecem a Igreja: “A vida de um cristão em toda a sua dimensão humana, com as suas tendências, gostos, modo de ver o mundo, a vida, com a sua história familiar e as suas tradições, etc., pode ser, portanto, ‘instrumento’ de Cristo. Neste caso, a palavra instrumento enriquece-se muito, porque a ação santificadora tem uma relação muito mais profunda com o agente, depende muito mais, se assim se pode dizer, das condições do agente”<sup>138</sup>.

Toda a ação de um cristão pode ser um instrumento de santificação, pelo fato de sua pertença ao Corpo Místico de Cristo e por sua inserção na *communio fidelium*. A vocação à santidade, à qual todos são chamados, compreende também a missão de santificar o mundo e aqueles que estão à sua volta. Como nos leciona o Concílio Vaticano II, a “santidade da Igreja incessantemente se manifesta e deve manifestar-se nos frutos de graça que o Espírito Santo produz nos fiéis” (LG 39), e de acordo com o estado de vida ou classe, cada homem deve manifestar no mundo a plenitude da vida cristã e a perfeição da caridade para edificar no Corpo Místico de Cristo mais membros, até que “todos sejam um” (Jo 17,21), como Cristo e o Pai (cf. LG 40).

### 3.2 A SANTIFICAÇÃO DA IGREJA POR MEIO DA REALIZAÇÃO DE SUA MISSÃO

Vimos no tópico precedente que a santidade da Igreja se manifesta por meio da ação de seus filhos. Veremos agora, antes de passar propriamente ao tema da santificação por meio da realização da missão da Igreja, que há um modo de a Santidade se manifestar de forma ainda

---

<sup>137</sup> DE SALIS, 2013, p. 390-391.

<sup>138</sup> DE SALIS, 2013, p. 392.

mais perfeita, que consiste na sua purificação ou reforma, que em nada afeta a santidade da Igreja como tal, mas favorece a manifestação dessa santidade no peregrinar da Igreja aqui na Terra.

Deus quis a colaboração de seus filhos na missão salvífica<sup>139</sup>, e como agem na história, e ainda são passíveis de erros ou pecados, faz-se necessário haver uma reforma, que se pode dar de duas maneiras. A primeira é a reforma ou conversão pessoal, pela qual o homem se aproxima cada vez mais de Deus. A segunda é a reforma das instituições, costumes e procedimentos, favorecendo o projeto divino de refletir no mundo para que alcance mais facilmente os homens<sup>140</sup>.

O Cardeal Joseph Ratzinger, em sua obra “O Novo Povo de Deus”, faz uma análise a respeito da reforma da Igreja, tema amplamente desenvolvido no período pós conciliar. Para ele, reforma significa simplificação, não uma simplificação por comodidade, que não se importa com aquilo que lhe é próprio, mas que se importa com suas origens e busca tornar-se simples, busca voltar-se para a simplicidade do mistério daquilo que possui vida e que busca encontrar a simplicidade de Deus<sup>141</sup>.

Cabe mencionar, por fim, que a reforma é uma realidade que procede da condição da Igreja inserida na história, tal como Deus a quis aqui na terra. Como dissemos anteriormente, Deus quis que o homem colaborasse nessa missão de santificação da humanidade, e assim a reforma serve como meio de aproximar os homens da sua missão, com todas as suas capacidades e possibilidades. O Concílio Vaticano II afirma que a reforma é uma condição que promove a santidade da Igreja de forma direta no mundo, além de favorecer a união com Cristo e a sua transmissão como elemento fundamental da missão da Igreja<sup>142</sup>. A reforma mostra Cristo ao mundo de uma maneira melhor, visto que nosso mundo atual parece clamar por um testemunho autêntico de santidade, capaz de conduzir à *salus animarum* de todos<sup>143</sup>.

Prosseguindo nosso estudo, passamos à observação do crescimento da santidade da Igreja na realização de sua missão. Antes de mais, ressaltamos que todas as vezes em que se fala sobre a santificação da Igreja, refere-se ao fato de ela crescer em santidade, e isso se dá de duas maneiras: “um é através do crescimento *do número* dos seus membros em vias de santificação ou já santos, outro é através do crescimento *em santidade de vida* dos seus

---

<sup>139</sup> cf. DE SALIS, 2013, p. 398.

<sup>140</sup> cf. DE SALIS, 2013, p. 399.

<sup>141</sup> cf. RATZINGER, 2019, p. 356.

<sup>142</sup> cf. DE SALIS *apud* **Dono e compito**, 2012, p. 232.

<sup>143</sup> cf. DE SALIS, 2013, p. 400-401.

membros”<sup>144</sup>. O primeiro modo se configura como um crescimento quantitativo, enquanto o segundo como um crescimento interior. Esses dois modos de santificação da Igreja a aproximam daquilo que Deus desejou que ela fosse, e se manifestam nos frutos adquiridos, principalmente transformando a santidade adquirida em dom para os irmãos<sup>145</sup>.

A santidade à qual a Igreja é chamada e para a qual caminha, inclui o modo como se realiza a sua missão. Sabemos que a santidade, em primeiro lugar, vem de Deus, e não há santidade se Deus não concede a participação. Por isso, faz-se necessário entender que esse constante chamado a “ser santos para poder santificar”<sup>146</sup>, é uma constante na vida dos fiéis, chamados a participar da missão salvífica da Igreja: “não há associação à salvação (colaboração na missão do Verbo) que não salve também”<sup>147</sup>.

Antes do Concílio Vaticano II, diversos autores incluíam a realização da missão dentro dos elementos para a santificação pessoal de cada fiel. Destacamos aqui a São Josemaria Escrivá, já mencionado em nosso trabalho, e que possui em toda a sua obra um destaque especial para a santificação da vida cotidiana. Em uma das passagens de sua obra “Caminho”, lemos: “Tu és sal, alma de apóstolo. – ‘*Bonum est sal*’ – o sal é bom, lê-se no Santo Evangelho; ‘*si autem sal evanuerit*’ – mas se o sal se desvirtua..., de nada serve, nem para a terra, nem para o esterco; joga-se fora como inútil. Tu és sal, alma de apóstolo (...)”<sup>148</sup>. E ainda: “Perguntas-me..., e te respondo: – A tua perfeição consiste em viveres perfeitamente naquele lugar, ofício e grau em que Deus, por meio da autoridade, te colocar”<sup>149</sup>.

Não é por merecimento próprio, mas, por meio da graça de Deus, que cada fiel deve buscar conformar sua vida com essa missão, recebida já no Batismo, e que chama cada um a santificar o mundo por meio desses mesmos auxílios divinos, no conhecimento de sua liberdade e aceitação da graça que vem de Deus. Como nos explica o documento “Memória e Reconciliação”, “ninguém se torna tão plenamente ele mesmo quanto o santo que acolhe o plano divino e, com a ajuda da graça, conforma todo o seu próprio ser ao projeto do Altíssimo!” (MeR 3.2).

A ação santificadora não somente se vê no número de santos que cresce à medida que se busca viver esta missão, como fruto externo e visível, mas também pode ser observado pela perfeição na caridade de toda a Igreja que se empenha na missão. Como vimos, a Igreja cresce

<sup>144</sup> DE SALIS, 2013, p. 401. (Grifos do autor).

<sup>145</sup> cf. DE SALIS, 2013, p. 402.

<sup>146</sup> DE SALIS, 2013, p. 403.

<sup>147</sup> DE SALIS, 2013, p. 405.

<sup>148</sup> ESCRIVÁ, Josemaria. **Caminho, Sulco e Forja**. São Paulo: Quadrante, 2021, nº 921.

<sup>149</sup> ESCRIVÁ, 2021, nº 926.

em santidade ao realizar a sua missão, e isso se dá também pelo exercício de sua missão pastoral<sup>150</sup>. “A missão da Igreja incide em tudo o que é humano, em tudo aquilo que foi assumido por Cristo”<sup>151</sup>. Por esse motivo, tudo aquilo que incide no mundo, como a história e a dimensão social, é importante para que descubramos o verdadeiro valor de recapitular todas as coisas em Cristo.

Nesse sentido, importa salientar que a Igreja é também uma comunhão social nesta terra, e se insere no contexto histórico da sociedade. O texto da *Lumen Gentium* nos recorda que é da união de todos os fiéis, por meio dos sacramentos, que procede a família, na qual nascem os novos cidadãos para a sociedade humana, que pela graça do Espírito Santo são chamados a perpetuar o povo de Deus através dos séculos. Chamada de Igreja doméstica, a família deve favorecer por meio do exemplo e da palavra dos pais a vocação de cada um, pela qual todos os cristãos são chamados à perfeição de santidade querida pelo Seu Criador (cf. LG 11).

Entretanto, em seu peregrinar na história, a Igreja nunca pode esquecer-se da missão de levar os homens a Jesus Cristo. A esse respeito, ilustra-nos o Cardeal Joseph Ratzinger:

A Igreja tem a missão de transmitir a Palavra de Deus, que se tornou a sua própria Palavra, neste caso, sem dúvida, a sua missão deve ser levada a efeito. Seria totalmente falso se a Igreja tentasse legar ao esquecimento a Palavra de Deus e o mandato missionário que recebeu, simplesmente para apresentar-se mais “humana” e mais “desinteressada”. Na objeção a que fizemos referência, há, de fato, um aviso sobre um grande perigo, isto é, a missão da Igreja pode, com efeito, deixar transparecer um imperialismo espiritual e transformar-se a si mesma em simples caricatura. Mas ela mesma será capaz de evitar esse perigo enquanto atuar, impelida pela fé e pela obediência. Deus não elevaria o mundo, mas o humilharia, se não o aproximasse de si mediante o *amour désintéressé*; assim também a Igreja estaria apenas à procura de si mesma a partir do momento em que ela se limitasse a transmitir auxílios humanos e deixasse de comunicar aquilo que lhe é próprio<sup>152</sup>.

O texto acima não tem o intuito de negar a ação da Igreja por meio de auxílios humanos, que podem ser excelentes instrumentos de santificação pelo testemunho, mas nos relembra que sua missão é a de comunicar aquilo que recebeu de maneira desinteressada, portando-se de tal maneira que todos os homens reconheçam sua mensagem<sup>153</sup>. Como escreve São Paulo, “não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito”

<sup>150</sup> cf. DE SALIS, 2013, p. 406.

<sup>151</sup> DE SALIS, 2013, p. 407.

<sup>152</sup> RATZINGER, 2019, p. 361-362.

<sup>153</sup> cf. RATZINGER, 2019, p. 362.

(Rm 12,2), vivendo como uma luz neste mundo que cada vez mais se apresenta como não-cristão, mantendo-se fiéis a Cristo e à Sua Santa Igreja.

A abertura ao mundo para o santificar, tema amplamente presente no Concílio Vaticano II, faz parte do elã missionário da Igreja. Cada cristão deve, portanto, compreender que não deve confiar em suas próprias forças, como se pudesse manter-se sempre fiel sozinho, mesmo vivendo como cordeiro em meio a lobos, que cada vez mais buscam dilacerá-los, mas sim, sabendo que “tem necessidade absoluta de seguir o ‘Cordeiro imolado’ (Ap 5,6; cf. Jo 1,29; At 8,32; 1Pd 1,19), pois ele sabe muito bem que este Cordeiro, apesar de ter sido dilacerado pelos lobos, tem em suas mãos os segredos da história do mundo (Ap 5,5s)”<sup>154</sup>.

Tudo isso exige dos cristãos um compromisso, pois “não podemos separar a santidade da Igreja da santidade das pessoas que são os seus membros, e também não podemos fazer dela a soma da santidade dos seus membros”<sup>155</sup>. Por meio do chamado universal à santidade, cada um dos filhos da Igreja é chamado à perfeição; isso não quer dizer, contudo, que se dá pela sua vida simplesmente, sem auxílios, mas justamente por meio do auxílio divino e adesão aos seus desígnios, visto que “a santidade não é adesão estática a uma perfeição de vida moral, mas dinâmica de relação, experiência concreta e tangível da vida do próprio Deus”<sup>156</sup>. Vemos, ainda, que:

A Santidade é correr o risco de habitar fiel (e criativamente) no mundo a transformação operada por Cristo. É participar na santidade escondida e ao mesmo tempo revelada no acontecimento da sua ressurreição, sem a qual a vida, o amor, o conhecimento ou a fé são paixões inúteis. Significa assumir coletivamente esta novidade total, que só se torna possível por iniciativa de Deus, como gramática da existência e do destino, possível unicamente por iniciativa de Deus<sup>157</sup>.

Sabemos que somente na plenitude dos tempos se poderá saber o papel específico e concreto dos cristãos no crescimento da santidade da Igreja, mas é certo que esse papel existe e depende da vida santa que os fiéis devem viver. Cada ação da Igreja no mundo repercute na santidade geral, na recondução do mundo a Deus. Cabe a cada cristão unir-se à Igreja nesta ação santificadora, colaborando para a edificação do Corpo Místico aqui na terra, enquanto peregrinos a caminho do Pai<sup>158</sup>.

<sup>154</sup> RATZINGER, 2019, p. 378.

<sup>155</sup> DE SALIS, 2013, p. 413.

<sup>156</sup> TOLENTINO, José. A chamada de um povo à Santidade. (23/11/2023). Disponível em: <https://www.osservatoreromano.va/pt/news/2023-11/por-047/a-chamada-de-um-povo-a-santidade.html>. Acesso em 27/11/2023.

<sup>157</sup> TOLENTINO, José. A chamada de um povo à Santidade. (23/11/2023). Disponível em: <https://www.osservatoreromano.va/pt/news/2023-11/por-047/a-chamada-de-um-povo-a-santidade.html>. Acesso em 27/11/2023.

<sup>158</sup> cf. DE SALIS, 2013, p. 416.

### 3.3 A BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA, MÃE DE DEUS E MÃE DA IGREJA

No estudo a respeito da Igreja, o papel da Bem-aventurada Virgem Maria possui um grande destaque. Ela, por ser a Mãe do Salvador, é também a Mãe da Igreja, que é o seu Corpo Místico. Jesus se encarnou pelo poder do Espírito Santo no seio da Virgem santíssima, mistério que ao nos ser revelado continua na Igreja da qual o Senhor é Cabeça. Todos os fiéis, pois, ao aderirem a Cristo e à Sua Igreja, devem na comunhão dos santos venerar a memória da gloriosa e sempre Virgem Maria (cf. LG 52).

Maria Santíssima é exemplo de todas as virtudes para os filhos da Igreja, pois Ela, “durante a vida, foi modelo daquele amor materno de que devem estar animados todos aqueles que colaboram na missão apostólica da Igreja para a redenção dos homens” (LG 65). É por meio de sua figura que podemos ver a maternidade da Igreja, que se manifesta nesta busca de santificar todos os seus filhos. Enquanto Maria, Virgem e Mãe, gera, pela ação do Espírito Santo, Cristo que é a cabeça da Igreja, a mesma Igreja gera, pela fé, os membros de Cristo, sua Cabeça<sup>159</sup>:

A Igreja, contemplando a santidade misteriosa de Maria, imitando a sua caridade, e cumprindo fielmente a vontade do Pai, pela palavra de Deus fielmente recebida, torna-se também ela mãe, pois pela pregação e pelo batismo gera, para uma vida nova e imortal, os filhos concebidos do Espírito Santo e nascidos de Deus. Ela é também a Virgem, que guarda íntegra e pura a fé jurada ao Esposo, e, à imitação da Mãe do seu Senhor, pela graça do Espírito Santo, conserva virginalmente íntegra a fé, sólida a esperança, sincera a caridade. (LG 64).

O modo de santificar o mundo por meio da vida santa, um dos aspectos da missão santificadora da Igreja, esteve presente e visível na vida de Nossa Senhora. “O *Fiat* de Nossa Senhora é uma resposta livre que, de uma forma muito determinada, santifica a Igreja”<sup>160</sup>. Essa sua resposta é livre, realizada num momento determinado, mas capaz de iluminar toda a ação santificante da Igreja, e de uma forma não sacramental, mas como uma cooperação com Deus. Esse seu *fiat* é um exemplo que se deve projetar na vida de cada cristão, que “quando responde afirmativamente a Deus, tem a capacidade de colaborar na santificação da humanidade, sem que por isso tenha de estar a celebrar ou participar ativamente num sacramento”<sup>161</sup>.

Ainda a respeito da colaboração dos seres criados na santificação do mundo e conseqüente crescimento da santidade da Igreja, Miguel de Salis nos traz uma reflexão do

<sup>159</sup> cf. DE SALIS, 2013, p. 131.

<sup>160</sup> DE SALIS, 2013, p. 137.

<sup>161</sup> DE SALIS, 2013, p. 395.

teólogo Juan González Arintero O.P., teólogo espanhol que viveu entre o fim do século XIX e início do século XX, acerca do papel de Maria Santíssima, que nos parece importante ressaltar. Ela, segundo Arintero, não é somente a pessoa humana mais santa entre todas as criaturas; ela possui também uma ação pessoal, que pode até mesmo ser chamada de ação santificadora:

Como ela foi sempre fiel, Ele nunca teve por que repudiá-la e deixar de associá-la em sua influência vivificadora; e como agiu por Ela a Encarnação do Verbo, nossa cabeça, assim age também na regeneração e renovação e todo o crescimento espiritual, ou seja, a santificação dos membros. É por isso que a Igreja não se satisfaz somente em honrar a Virgem Santíssima como espelho de virtudes e invocá-la como intercessora, mas lhe atribui tantas coisas próprias do Espírito Santo, como as relativas aos seus dons, carismas e frutos e ainda a sua influência íntima<sup>162</sup>.

Nossa intenção com esse trecho não é dar à Virgem Santíssima um poder ou um papel que não lhe é próprio, mas comparar a sua ação à de Seu Filho. Esta também não parece ser a intenção de Arintero, pois para ele o seu papel é de colaboradora de Deus na santificação de todos e de toda a Igreja. Maria não é independente de Deus, pelo contrário, sua santidade e sua preservação de todo o pecado em vista da sua missão de gerar o Verbo Encarnado, são obras de Deus. Dessa maneira, a sua ação santificante se dá também por uma graça divina que nela age<sup>163</sup>.

É preciso sempre relembrar que Cristo é o único Mediador entre Deus e os homens. A função maternal de Maria em nada prejudica essa verdade de fé; ao contrário, ela demonstra e certifica a sua eficácia. (cf. LG 60). Em cada ato, ela cooperou de modo absolutamente singular na obra do Salvador, e é por meio de sua maternidade, que a Virgem Santíssima cuida de todos os filhos, de forma a conduzi-los à pátria celeste.

“Assim como o sacerdócio de Cristo é participado de modo diverso pelos ministros sagrados e pelo povo fiel, e assim como a bondade de Deus, única, se difunde realmente em modos diversos pelas suas criaturas, assim também a única mediação do Redentor não exclui, antes suscita nas criaturas uma cooperação múltipla, embora participada da fonte única” (LG 62). Dessa maneira, da mesma forma que Nossa Senhora, por sua missão de mãe e modelo da humanidade, colabora na missão salvífica de Cristo, todos os cristãos podem e são chamados a colaborar na missão salvífica de Cristo, por meio da imitação de Cristo e da imitação de Maria,

<sup>162</sup> “Como Ella le ha sido siempre fiel, nunca El ha tenido por qué repudiarla y dejar de asociársela en su influencia vivificadora; y como obró por Ella la Encarnación del Verbo, nuestra cabeza, así obra también la regeneración y todo el crecimiento espiritual, o sea, la santificación de los miembros. De ahí que la Iglesia no se contente con honrar a la Virgen Santísima como espejo de virtudes e invocarla como intercessora, sino que le atribuya tantas cosas propias del Espíritu Santo, como son las relativas a sus dones, carismas y frutos y aun a su influencia íntima”. GONZÁLEZ ARINTERO, 1974: 206 s. *in* DE SALIS, 2013, p. 149, nota 28.

<sup>163</sup> cf. DE SALIS, p. 149-150.

que nunca pode afastar de Cristo, ao contrário, o faz aproximar-se cada vez mais d'Ele e de todos os homens<sup>164</sup>.

Por fim, podemos afirmar que toda a Igreja, enquanto *communio fidelium*, auxilia o homem a cooperar com Deus, em sua ação santificadora, seguindo o exemplo daquela que em tudo cumpriu a vontade de Deus e buscou cooperar na obra de redenção de seu Filho: “Do mesmo modo que a Mãe de Jesus, já glorificada no céu em corpo e alma, é imagem e primícia da Igreja, que há de atingir a sua perfeição no século futuro, assim também já agora na terra, enquanto não chega o dia do Senhor (cf. 2Pd 3,10), ela brilha, como sinal de esperança segura e de consolação, aos olhos do povo de Deus peregrinante” (LG 68).

Como esse sinal de esperança, a Virgem Maria favorece a vida cristã, sendo para cada fiel que lhe suplica, auxílio e consolação. Ela, preservada de toda mancha de pecado, é imagem da Igreja, que é santa e santifica por meio de sua ação e pelo cumprimento de sua missão, auxiliada por todos os seus membros, chamados a serem santos, como Deus é Santo (cf. Lv 19,2).

---

<sup>164</sup> SCHÖNBORN, Christoph *in* **Maria unica cooperatrice alla Redenzione**. Atti del Simposio sul Mistero della Corredenzione Mariana. Fátima, 2005, p. 88-90.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Igreja é o Corpo Místico de Jesus Cristo, e que reflete no mundo a luz de Cristo que é a Luz dos povos. Ela por ser este sinal da íntima união com Deus, é Santa, e recebe do próprio Senhor a sua Santidade. A santidade da Igreja é, pois, a Santidade de Deus, que se manifesta na humanidade por meio de sua Igreja (cf. LG 1). A santidade a que cada homem é chamado consiste justamente na entrega e pertença a Jesus Cristo, Senhor Nosso, que em sua Igreja, pela ação do Espírito Santo, age em cada ato e em cada sacramento realizado.

Miguel De Salis, em sua obra a respeito da Santidade da Igreja, conclui:

A santidade da Igreja aparece, no fim deste percurso como participação na vida divina, relação da Igreja com Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. A primeira verdade que encontramos é precisamente esta: Deus amou o homem e veio habitar no meio dos homens para os salvar, para os santificar. A santidade, a salvação, entrou na história com a Encarnação do Verbo e a descida do Espírito Santo. Desde aquele momento em diante, a santidade realiza-se no mundo através da cristificação, do ser *em Cristo* e *com Cristo*, através do Espírito. O homem tem necessidade de acolher ativamente – também humanamente – o dom divino, isto é, pondo em ato todas as suas capacidades humanas. O convívio com o Senhor proporciona que o homem O conheça, O ame e, portanto, se santifique.<sup>165</sup>

O homem é chamado por seu Criador a responder à vocação a que Deus lhe confia, vivendo-a, seja qual for, sacerdócio, matrimônio, vida consagrada, amando ao Senhor e desejando viver aquela primeira vocação, que é a de buscar a santidade. Deus quis que os homens colaborassem com a sua obra, e assim, cada um, ao se santificar e testemunhar com a vida este percurso, auxiliar na santificação de toda a humanidade.

No entanto, sabemos que o pecado fere a comunhão para com a Igreja, e por isso, leva ao afastamento da pertença à Igreja, já que ela é santa e imaculada. Por este motivo, a dualidade que há entre esta afirmação que vimos tão claramente em nosso trabalho e aquilo que vários homens se deparam quando buscam se aproximar da Igreja é tão difundida e observada. Sim, há vários membros que ao pecar ferem a visão que o mundo tem da Igreja. Ao pecar, eles não só se afastam da comunhão com o Corpo Místico de Cristo, mas mancham a imagem da Igreja que se faz visível à humanidade.

Sabemos bem que por sua santidade ser a do próprio Cristo, que assumiu em tudo a condição humana, menos o pecado, a Igreja é também Santa, como o Cristo, e não pecadora, como pode parecer com o que dissemos acima. Mas para que também a imagem visível seja vista de forma correta, a Igreja sempre se purifica, a fim de que todos a vejam como ela é

---

<sup>165</sup> DE SALIS, 2013, p. 417. (Grifos do autor).

essencialmente. O pecado fere a comunhão do fiel com a Igreja, e como ela deseja “que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4) que é Cristo, ela continua o seu processo de purificação, de simplificação, aproximando-se ainda mais da simplicidade de Deus, como pudemos observar em nosso texto.

Juntamente com o Cardeal Ratzinger podemos afirmar que a santidade da Igreja se faz presente em meio à miséria humana, ao pecado, mas que se manifesta em meio a tudo isto justamente para santificar a humanidade: “Não é ela (Igreja) a continuação da comensalidade de Jesus com os pecadores, misturando-se à aflição do pecado a ponto de parecer sucumbir nele? Não se revela na santidade imperfeita da Igreja diante das expectativas humanas de pureza a verdadeira santidade de Deus, que é amor, um amor que não se mantém na distância aristocrática do puro intocável, mas que se mistura à sujeira do mundo para superá-la?”<sup>166</sup>.

Ressaltamos que o pecado nunca a fez sucumbir, pois ela é luz da luz, imagem terrena do Cristo, verdadeira luz do mundo e o seu peregrinar sobre a terra, conduz sempre à esta verdadeira luz que é Jesus. Sua missão é santificar o mundo, e isto ela faz por meio de seus membros. Seu desafio hoje é saber transmitir o tesouro da santidade que foi primeiramente confiado aos Apóstolos, de modo que tudo seja recapitulado em Cristo, e a Igreja Santa, que aqui *in via* conduz à plenitude em Cristo, seja incorporada à Igreja Santa *in patria*. A nós homens, resta-nos, por hora, cantar os seus louvores e buscar com ela a nossa salvação:

Venham, povos, adoremos à Divindade em Três Pessoas: ao Pai no Filho e com o Espírito Santo. Porque o Pai, desde toda a eternidade, engendra um Verbo coeterno e co-reinante, e o Espírito Santo está no Pai, glorificado com o Filho, poder único, única substância, única divindade. A ela adoramos quando dizemos: Deus Santo, que criastes tudo pelo Filho com o concurso do Espírito Santo; Santo Forte, por ele que conhecemos o Pai e por quem o Espírito Santo veio ao mundo; Santo Imortal, Espírito consolador, que procedes do Pai e resides no Filho: Trindade Santa, glória a Ti<sup>167</sup>.

A ELE A GLÓRIA NA IGREJA. AMÉM.

<sup>166</sup> RATZINGER, 2015, p. 252.

<sup>167</sup> Venid, pueblos, adoremos a la Divinidad em Tres Personas: al Padre en el Hijo y com el Espíritu Santo. Porque el Padre, desde toda la eternidade, engendra un Verbo coeterno y correinante, y el Espíritu Santo está en el Padre, glorificado con el Hijo, poder único, única sustancia, única divinidad. A ella adoramos cuando decimos: Dios Santo, que has creado todo por el Hijo com el concurso del Espíritu Santo; Santo Fuerte, por el que hemos conocido al Padre y por quien el Espíritu Santo ha venido al mundo; Santo Inmortal, Espíritu consolador, que procedes del Padre y resides en el Hijo: Trinidad Santa, gloria a Ti. DE LUBAC, Henri. **Meditación sobre la Iglesia** Trad. Lázaro Sanz. Madrid: Ediciones Encuentro, 2011, p. 399. (Tradução nossa).

## REFERÊNCIAS

**AA.VV., Maria unica cooperatrice alla Redenzione.** Atti del Simposio sul Mistero della Corredenzione Mariana. Fátima-PT, 2005.

BENSON, Robert Hugh. **A amizade com Cristo.** Trad. Américo da Gama. 3. Ed. São Paulo: Quadrante, 2017.

BENTO XVI. **A Santidade. Audiência geral.** 20 de agosto de 2008. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20080820.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080820.html) acesso em 27/10/2023.

BENTO XVI. **Celebração Penitencial com os jovens da diocese de Roma em preparação para a XXIII Jornada Mundial da Juventude** (13/03/2008). Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20080313\\_penance-youth.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080313_penance-youth.html). Acesso em 11/11/2023.

BENTO XVI. **Discurso à Cúria Romana por ocasião da apresentação dos votos de Natal.** Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/december/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20051222\\_roman\\_curia.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20051222_roman_curia.html). Acesso em 20/08/2023.

BENTO XVI. **Mensagem do Papa Bento XVI para a XXIII Jornada Mundial da Juventude.** (20/07/2007). Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/youth/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20070720\\_youth.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/youth/documents/hf_ben-xvi_mes_20070720_youth.html). Acesso em 11/11/2023.

**Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2002.

BOSCH, Jordi Sánchez. **Escritos Paulinos.** Tradução de Alceu Luiz Orso. São Paulo: Ave-Maria, 2002.

CALABRESE, Gianfranco; GOYRET, Philip; PIAZZA, Orazio Francesco (eds.). **Diccionario de Ecclesiología.** Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2016.

CANTALAMESSA, Raniero. **Nos ombros de gigantes: As grandes verdades da fé meditadas e vividas com os Padres da Igreja.** São Paulo: Edições Loyola, 2016.

**Catecismo da Igreja Católica.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Memória e reconciliação: A Igreja e as culpas do passado.** São Paulo: Edições Loyola, 2000.

**Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja** in DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997.

**Constituição pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual** in DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997.

COSTA, França. **A Igreja de Jesus Cristo: Ecclesiologia hoje**. São Paulo: Cultor de Livros, 2020.

DE LUBAC, Henri. **Meditación sobre la Iglesia** Trad. Lázaro Sanz. Madrid: Ediciones Encuentro, 2011.

DE SALIS, Miguel. **Concidadãos dos santos e membros da família de Deus: Estudo histórico-teológico sobre a santidade da Igreja**. Lisboa: Paulus, 2013.

**Decreto *Christus Dominus* sobre o múnus pastoral dos Bispos na Igreja** in DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997.

ESCRIVÁ, Josemaria. **Amar a Igreja**. São Paulo: Quadrante, 2016.

ESCRIVÁ, Josemaria. **Caminho, Sulco e Forja**. São Paulo: Quadrante, 2021.

FRANCISCO. Exortação Apostólica ***Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. **Exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*: Sobre o chamado à santidade no mundo atual**. São Paulo: Paulus, 2018.

GOMES, Eli Ferreira. **“Seitas” Cristãs. Confronto conceitual e noção teológica**. 2015. Tese (Doutorado em Teologia) – Facultas Theologiae, Pontificia Universitas Sanctae Crucis, Roma, 2015.

GOYRET, Philip (org.). **Dono e compito: La Chiesa nel simbolo della fede**. Roma: Città Nuova, 2012.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. **A Amada Igreja de Jesus Cristo: Manual de Ecclesiologia como Comunhão Orgânica**. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2003.

HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **As Cartas de São Paulo aos Coríntios: Cadernos de estudo bíblico**. Tradução de Alessandra Lass. Campinas-SP: Ecclesiae, 2017.

HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **As Cartas de São Paulo aos Filipenses, aos Colossenses e a Filêmon: Cadernos de estudo bíblico**. Tradução de Lucas Cardoso. Campinas-SP: Ecclesiae, 2018.

JOÃO PAULO II. **A Igreja: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja**. Lorena-SP: Editora Cléofas, 2004.

MARITAIN, Jacques. **A Igreja de Cristo: a pessoa da Igreja e seu pessoal**. São Paulo: Editora Agir, 1972.

PAULO VI. **O credo do povo de Deus: a profissão de fé de Paulo VI**. São Paulo: Paulinas, 2014.

PIO XII. **Carta Encíclica *Mystici corporis***. 29/06/1943 in AAS 35.

SCOLA, Angelo. **Henri de Lubac, viagem através do Concílio; Hans Urs von Balthasar, viagem ao pós- concílio.** Campinas: Editora Ecclesiae, 2019.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao Cristianismo: Preleções sobre o Símbolo Apostólico.** São Paulo: Edições Loyola, 8ª edição, 2015.

RATZINGER, Joseph. **O novo Povo de Deus**, 2ª edição. São Paulo: Molokai, 2019.

RATZINGER, Joseph (Bento XVI). **Ser cristão na era neopagã** – volume 2: Discursos e Homilias (2000-2004) e Debates (1993-2000). Campinas: Ecclesiae, 2015.

RATZINGER, Joseph (Bento XVI). **Ser cristão na era neopagã** – volume 3: Entrevistas (1986-2003). Campinas: Ecclesiae, 2016.

RATZINGER, Joseph; MESSORI, Vittorio. **A fé em crise? O Cardeal Ratzinger se interroga.** São Paulo: Editora pedagógica e universitária, 1985.

TOLENTINO, José. **A chamada de um povo à santidade.** (23/11/2023). Disponível em: <https://www.osservatoreromano.va/pt/news/2023-11/por-047/a-chamada-de-um-povo-a-santidade.html>. Acesso em 27/11/2023.